

# CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ

38

SETEMBRO 2014  
[www.candido.bpp.pr.gov.br](http://www.candido.bpp.pr.gov.br)

Leilan Bessonni



## Nunca fomos tão lusitanos

Na última década, uma nova geração de autores lusófonos passou a ser publicada no Brasil, renovando o interesse dos leitores pela literatura de língua portuguesa feita fora do país

Poemas | Luigi Ricciardi | Domingo,9 | Jorge Reis-Sá | Ensaio | Luiz Ruffato



## EDITORIAL

**H**á aproximadamente uma década os leitores brasileiros fizeram uma descoberta. Livros de novas vozes literárias de língua portuguesa começaram a surgir nas livrarias — de Porto Alegre, Recife, Brasília a Salvador.

Gonçalo Tavares, José Eduardo Agualusa, José Luís Peixoto, Jorge Reis-Sá, Ondjaki e Valter Hugo Mãe, entre outros, são alguns desses escritores portugueses e/ou nascidos em ex-colônias de Portugal. É uma nova onda literária? O escritor português Manuel Jorge Marmelo desconfia que sim. E diz mais: “Não creio, aliás, que tenha anteriormente existido outra geração de autores portugueses tão lida e traduzida no estrangeiro quanto a atual”.

A presença desses autores no Brasil, e no mundo, é o destaque desta edição do **Cândido**. Uma reportagem abre espaço para os autores, além de professores universitários brasileiros, que analisam essa produção literária. “Os pontos de contato entre esses escritores, além do fato de escreverem em língua portuguesa, são a angústia e a perplexidade do homem contemporâneo, diante de valores universais”, afirma a professora Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Maria Helena Sansão Fontes, especialista no assunto.

A professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Jane Tutikian explica, em ensaio inédito, quem são esses escritores e indica alguns livros disponíveis em livrarias e bibliotecas brasileiras. Valter Hugo Mãe, angolano radicado em Portugal, passou por Curitiba e foi entrevistado. Por fim, o leitor e a leitora do **Cândido** têm acesso a textos inéditos de três autores portugueses: Jorge Reis-Sá, Manuel Jorge Marmelo e Rui Cardoso Martins.

Boa leitura.

### VALTER HUGO MÃE Ilustração: Diogo Salles



### BIBLIOTECA AFETIVA



Divulgação

Eu nem estava resfriado como Sinatra quando li *Fama e anonimato*, de Gay Talese, mas fiquei de cama como se estivesse doente. Não é o melhor livro que li, mas talvez seja a maior descoberta que já tenha feito em uma leitura: eu não esperava conhecer uma Nova York através dos tipos de gatos, por exemplo. Sempre me impressionou. Talese transforma a realidade em algo a mais ao botar tanto afeto no ofício de escrever algo verdadeiro; aquilo é ficção sem ficção, seja lá o que isso signifique.

**Diogo Guedes** é jornalista e mestre em Mídia e Estética pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É repórter de literatura do *Jornal do Commercio*, com passagens pelo *Suplemento Pernambuco* e pela *Revista Continente*. Vive em Recife (PE).



Divulgação

*A invenção da solidão* e seu autor, Paul Auster, apareceram para mim na volta do enterro do meu sogro à época. Ao voltar para a casa dele, logo após deixar o cemitério, encontrei o exemplar à sua cabeceira. No livro autobiográfico, ao mesmo tempo memória e ensaio literário, Auster desenvolve um dos mais contundentes tratados sobre a memória, a linguagem e a busca da identidade. Nos meses que se antecederam à morte daquele meu sogro, eu havia tido com ele uma relação quase paternal. Transferi de tal forma o sentimento filial àquele homem, que só a partir da morte dele elaborei questões fundamentais ao luto pela morte do meu próprio pai, ocorrida 15 anos antes.

**Rômulo Zanotto** é ator por formação acadêmica e acabou encontrando nas letras sua arte. É autor do romance *Quero ser Fernanda Young* (2012) e trabalha em agência de publicidade, mas queria mesmo era escrever sobre cultura e comportamento. Catarinense, vive em Curitiba (PR).

### EXPEDIENTE

## CÂNDIDO

**Cândido** é uma publicação mensal da **Biblioteca Pública do Paraná**



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa  
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira  
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:  
Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:  
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:  
Lucas de Lavor e Thiago Lavado

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC  
Rita Solieri Brandt | coordenação  
Bianca Salomons, Cecília Fumaneri e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:  
Afonso Cruz, André Caliman, Ben-Hur Demeneck, Diogo Salles, Jane Tutikian, Jorge Sá-Reis, Lanlan Bessoni, Léo Gibran, Lina Faria, Luiz Ruffato, Luigi Ricciardi, Manuel Jorge Marmelo, Mariana Zarpellon e Rui Cardoso Martins.

Redação:  
imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ  
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.  
Horário de funcionamento:  
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.  
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

## CURTAS DA BPP



## Pocket show



A cantora e poeta Rafaela Fortunato se apresenta na Biblioteca Pública do Paraná no dia 25 de setembro. O *pocket show* “Versos em movimento” é baseado no disco homônimo, o mais recente da cantora. Após a apresentação, a cantora bate um papo com o público sobre suas referências na MPB e na poesia brasileira. Além das canções de seu último CD, Rafaela Fortunato também apresentará composições de seu próximo álbum, *Amarelo demais*. O espetáculo acontece às 17h30, no hall térreo da BPP. A entrada é franca.

## Torneio de xadrez



A Biblioteca Pública do Paraná promove, nos dias 13 e 27 de setembro, o Torneio Infantil de Xadrez 2014. O evento tem início às 9h e é realizado em parceria com o Clube de Xadrez de Curitiba, que acontece em dois fins de semana, uma para cada categoria.

Crianças do Ensino Fundamental,

de 1ª a 5ª série, participam da primeira categoria, cujo torneio será realizado no dia 13. Já crianças que cursam da 6ª ao 9º ano jogam no dia 27 de setembro. Para participar, as inscrições devem ser feitas pelo telefone 3221-4980 ou pessoalmente, na Seção Infantil da BPP, entre 8h30 e 18h30.

Foto: Divulgação



## Vigor Mortis no Guairinha

A Companhia Vigor Mortis apresenta, até 14 de setembro, no teatro Guairinha, a peça *Marlon Brando, whiskey, zumbis e outros apocalipses*. Conhecida pelos trabalhos que misturam histórias em quadrinhos, terror, suspense, violência, sexo e humor negro, a companhia, nesta encenação, traz uma história que se passa num cenário pós-apocalíptico dominado por zumbis. O texto é de Paulo Biscaia Filho,

que também é dirige o espetáculo. No elenco estão Andrew Knoll, Carolina Fauquemont e Michelle Rodrigues, além de cerca de 20 figurantes que interpretam zumbis. Além do teatro, o grupo também vem ganhando notoriedade no cinema, principalmente com suas adaptações de *Morgue story* e *Nervo craniano zero*, que recebeu o prêmio de Melhor Filme em Montevideo e San Francisco.

## Exposição das tripas



O escritor Paulo Sandrini acaba de lançar novo livro. *Exposição das tripas* é o sétimo trabalho do autor paulista radicado em Curitiba e traz a fusão entre prosa e poesia. A experimentação se estende à capa, onde não constam título nem nome do autor. A obra conta ainda com ilustrações de Fabiano Vianna e Danilo Oliveira, além de fotos de Diego Singh. Parafusado, o livro também permite que o leitor reorganize a edição da maneira que preferir.

# Antologia traz 48 contistas do Paraná

Organizada pelo escritor **Luiz Ruffato**, coletânea reúne prosadores de várias épocas, nascidos ou radicados no Estado

LUCAS DE LAVOR



## 48 contistas paranaenses:

Aluisio Ferreira de Abreu, Andrade Muricy, Antonio Cescato, Assionara Souza, Carlos Machado, Caetano Galindo, Cezar Tridapalli, Cristovão Tezza, Dalton Trevisan, David Gonçalves, Ernani Buchmann, Fábio Campana, Guido Viaro, Jayme Balão Junior, Jair Ferreira dos Santos, José Cruz Medeiros, José Marins, Júlio Damásio, Júlio Pernetá, Luci Collin, Lucio Ferreira, Luiz Andrioli, Luís Henrique Pellanda, Luiz Felipe Leprevost, Manoel Carlos Karam, Marcio Renato dos Santos, Mário Araújo, Marco Cremasco, Miguel Sanches Neto, Nestor Victor, Nilson Monteiro, Newton Sampaio, Oscar Nakassato, Otávio Duarte, Otto Leopoldo Winck, Paulo Sandrini, Paulo Venturelli, Regina Benitez, Reinoldo Atem, Renato Bittencourt Gomes, Roberto Gomes, Roberto Muggiati, Rocha Pombo, Sérgio Rubens Sossélla, Susan Blum, Thiago Tizzot, Wilson Bueno e Wilson Rio Apa.

A presença de grandes contistas sempre foi marcante na literatura paranaense. A publicação da antologia *48 Contos Paranaenses*, editada pela Biblioteca Pública do Paraná, por meio do Núcleo de Edições da Secretaria de Estado da Cultura (Seec), traz ao leitor um painel do que foi produzido no gênero desde a emancipação do Estado, em 1853. Os livros têm tiragem de mil exemplares, que serão distribuídos gratuitamente para todas as bibliotecas públicas do Paraná.

Organizado pelo escritor Luiz Ruffato, leitor atento ao que acontece no Brasil, o livro mostra a força do conto local ao selecionar prosadores cuja característica em comum mais evidente é a pluralidade de vozes. Dos autores do fim do século XIX aos escritores do presente, uma gama imensa de temas e estilos se apresenta.

Da prosa mais afeita a experimentações, com ênfase na linguagem — uma das marcas da literatura no Paraná —, até histórias cuja maior preocupação é arrebatá-lo a partir de um enredo instigante, de estruturas mais tradicionais, *48 contos paranaenses* é um mosaico amplo que reúne quase três séculos de escrita literária no Estado.

“A coletânea comprova a força e a importância da produção literária paranaense no cenário nacional. Sua principal marca é a riqueza e a pluralidade de vozes e estilos literários, resgatando autores esquecidos e apresentando novos contistas paranaenses”, diz Rogério Pereira, diretor da Biblioteca Pública do Paraná.

Ao longo do livro, o leitor poderá contrastar o estilo e as preocupações estéticas de diversas escolas e movimentos literários. De pioneiros como Andrade Muricy, Jayme Balão Junior e Nestor Victor aos nomes que repercutiram nacionalmente nas últimas décadas, como Dalton Trevisan, Wilson Bueno e Manoel Carlos Karam, entre muitos outros — inclusive autores da novíssima geração.

# A literatura no Paraná: algumas linhas

Organizador da antologia *48 contos paranaenses*, **Luiz Ruffato** fala sobre as características da literatura do Estado e de como selecionou o autores e textos presentes no livro



Foto: Divulgação

**U**mas palavras devem ser ditas para explicar e justificar a publicação destes 48 contos paranaenses.

Talvez um leitor mais exigente pergunte que sentido faz pensar em nacionalidade em pleno século XXI — mais ainda: pensar em “regionalidade”, ou seja, a circunscrição de uma cultura a um determinado espaço geográfico. Porque a antologia *48 contos paranaenses* objetiva justamente reunir autores que, por um acaso, nasceram nos limites do Paraná ou que vivam ou viveram no Estado, e tentar traçar um panorama histórico desta produção ficcional. Então, antes que nos alonguemos, respondemos: não acreditamos que haja uma especificidade na literatura produzida regionalmente, nem temática, nem formal, que possa caracterizá-la como autônoma, mas ao mesmo tempo entendemos que a visão de mundo de um autor se faz a partir de elementos vários, cujo principal é a língua na qual ele escreve, mas que certamente passa por sua experiência pessoal — e aqui, evidentemente, entra a paisagem, real ou imaginária, que nele habita. Não o determina como escritor certamente, mas o contamina.

Tentemos, pois, um pouco de história.

A província do Paraná, desmembrada da de São Paulo em 1853, teve, em seus primórdios, uma acanhada vida cultural. Embora Marilda Binder Samways defenda o nome de Fernando Amaro de Miranda (1831-1857) como pioneiro da literatura paranaense, Wilson Martins, citando Salvador Correia Coelho (1820-?), com seus *Passeios à minha terra*, de 1860, e Julia da Costa (1844-1911), com *Flores dispersas*, de 1867, descarta-os em prol de Domingos Nascimento (1863-1905), que lançou em 1883 *Revoadas*, que “já se inscreve no processo de um momento histórico a partir daí ininterrupto”.

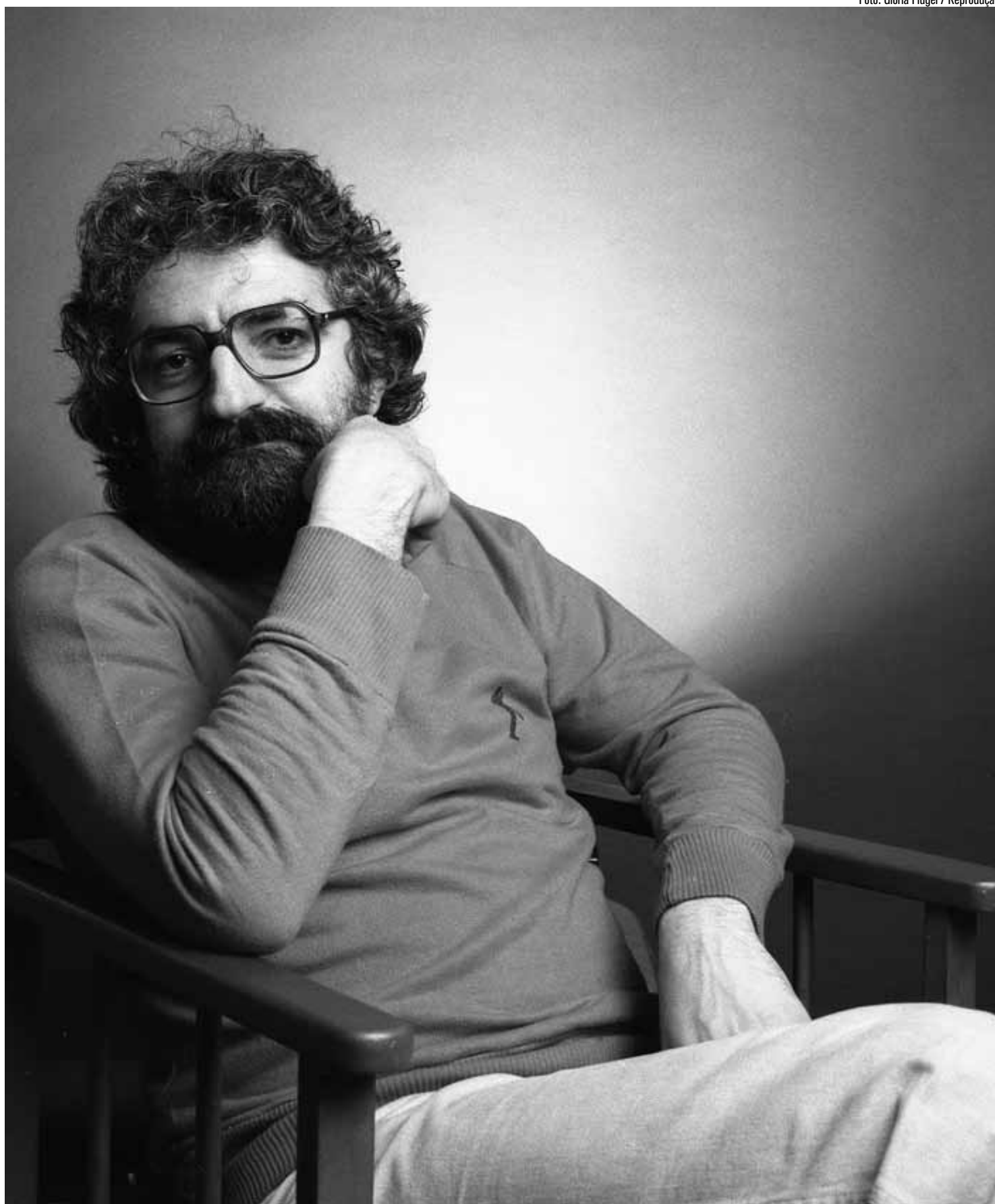
# ENSAIO

Isto porque, segundo Martins, somente no lustro final do século XIX encontramos em Curitiba uma comunidade literária “suficientemente madura” que justificava até mesmo a criação de uma revista, *O Cenáculo*, “marco ritual da vida intelectual de cada momento”. Fundada por Dario Veloso, Silveira Neto, Julio Pernetta e Antonio Braga, teve editados quatro volumes, entre 1895 e 1897, e é considerada por Andrade Muricy, fruto do “mais importante movimento literário paranaense”, tendo sido a primeira produção local a projetar-se nacionalmente.

É nesta quadra que aparece ainda a primeira manifestação da prosa de ficção do Paraná, o romance *A honra do Barão*, publicado por Rocha Pombo (1857-1933) em 1881. O autor, que se tornaria um dos mais famosos historiadores de sua época, radicou-se no Rio de Janeiro, onde cerraria fileiras entre os simbolistas, lançando o singularíssimo romance *No hospício*, em 1905. Nestes primórdios, a poesia se estabelece quase hegemonicamente e são raros os ficcionistas como Lucio Pereira (1860-1933), autor de *Contos paranaenses*, de 1896, Nestor Victor (1868-1932), que se consagraria como crítico e ensaísta, autor de *Signos*, de 1897, ou Julio Pernetta (1869-1921), que, com *Amor bucólico*, de 1898, introduz a literatura regionalista no Estado.

Após este primeiro surto produtivo, ocorre um longo hiato. Curiosamente, embora entre os fundadores, em 1927, da revista modernista *Festa*, do Rio de Janeiro, estivessem três paranaenses, Andrade Muricy, Tasso da Silveira e Brasília Itiberê, as ideias novas passaram ao largo do Paraná. Otávio de Sá Barreto fala de uma festa literária ocorrida no dia 15 de outubro de 1926, no Clube Curitibano, liderada por Juran-dir Manfredini, como uma espécie de marco da introdução do modernismo no Estado, mas Martins rechaça como “deprimente e constrangedor” os “tocantes esforços para provar que, apesar

Foto: Glória Flügel / Reprodução



Manoel Carlos Karam é autor de obras que flertam com o experimentalismo, tais como *Cebola* e *Comendo bolacha maria no dia de são nunca*.

de tudo, houve um movimento modernista no Paraná, ou, pelo menos, alguns escritores modernistas”.

Fato é que nos primeiros quarenta anos do século XX, uma única personalidade se destacou: Newton Sampaio (1913-1938). “Nos meus tempos de estudante em Curitiba”, lembra Martins, “Newton Sampaio era uma espécie de herói cultural para os escritores em botão das novas gerações”. E continua: “Ele era visto como a primeira voz ‘modernista’ ou, pelo menos, moderna, no ambiente literariamente anacrônico do Paraná. O que nele admirávamos, antes de mais nada, era a irreverência com relação aos nomes consagrados, o estilo nervoso e ágil, a inteligência aguda e a integração nas correntes vivas do pensamento”.

Este espírito irreverente, de alguma maneira, emularia a criação, em 1940, de um jornal, *O Tinguí*, “órgão dos ginasistas” de Curitiba, embrião da revista *Joaquim*, que, essa sim, transformaria o panorama da cidade e lançaria o nome de um dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos, Dalton Trevisan (1925). Impresso pelo Centro Literário Humberto de Campos, tinha como inspirador Rodrigo Junior, e como diretores, além do jovem Trevisan — que, então com 15 anos, surge escrevendo contos e crônicas sob os pseudônimos de Dom Nada e Faminato —, Antonio Teolindo e Antonio Walger. O jornal, que chegou a alcançar alguma projeção fora do Estado, durou até dezembro de 1943.

Três anos depois, agora com 21 anos, Dalton Trevisan se sente suficientemente seguro para lançar a revista *Joaquim*, que causaria furor na sociedade curitibana, e chamaria a atenção dos intelectuais brasileiros para a produção artística do Paraná em geral, e para sua originalíssima literatura, em particular. Publicada entre abril de 1946 e dezembro de 1948, tendo como diretores Trevisan, Antonio Walger (antigo companheiro de *O Tinguí*) e Erasmo Pilotto,

*Joaquim* era bancada com recursos advindos dos vários anúncios espalhados pelas páginas da revista, mas principalmente com o auxílio financeiro da família Trevisan.

Com sua capacidade de articulação, e tendo claro seu papel didático de tornar o Paraná contemporâneo do mundo, Trevisan conseguiu reunir, ao longo da existência da revista, os mais importantes nomes da literatura brasileira. Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, José Lins do Rego, Aníbal Machado comparecem com poemas, trechos de romances, depoimentos. Antonio Candido, Otto Maria Carpeaux, Mario Pedrosa e Sérgio Milliet colaboram com textos críticos. E são publicadas traduções de autores como Eugene O’Neill, Garcia Lorca, T.S. Elliot, Rainer Maria Rilke, Jean-Paul Sartre, Franz Kafka, André Gide, Arthur Koestler, Virginia Woolf...

Um capítulo à parte é o apuro gráfico da revista. Suas capas sempre contavam com gravuras inéditas assinadas por nomes como Poty, Yllen Kerr, Renina Katz, Di Cavalcanti, Fayga Ostrower, Portinari e Heitor dos Prazeres... Com diagramação limpa e moderna, as ilustrações ocupavam um espaço generoso — o número 19, de julho de 1948, por exemplo, todo dedicado aos artistas plásticos, exibe trabalhos de Poty, Kerr, Renina Katz, Guido Viaro, Leonor Botteri, Bakun, Gianfranco Bonfanti, Nilo Previdi, Esmeraldo Blasi Jr., apresentados uns pelos outros.

Trevisan encontra-se em cada centímetro de *Joaquim*, criada “em homenagem a todos os Joaquins do Brasil”. Além de publicar contos, que ensinaria, alguns deles, em seu segundo livro, *Sete anos de pastor*, de 1948, escreve notas, faz entrevistas, provoca — ora a província, como no artigo “Emiliano, poeta medíocre” (número 2, de junho de 1946), ora o *status quo* literário nacional,

“Eu sou um leitor que me fiz por antologias. Creio que as coletâneas, quando norteadas por princípios estéticos, temáticos e/ou históricos claros, cumprem bastante bem o papel de aproximar do leitor comum as várias tendências de dada literatura.”

como em “O terceiro indianismo”, em que critica duramente Monteiro Lobato (número 12, de agosto de 1947). Mas também sabe valorizar antecessores — como Newton Sampaio, “o maior contista do Paraná”, segundo suas próprias palavras, de quem publicou um conto, “Irmandade”, no número 2, de junho de 1946, e uma crônica inédita no número 12 — e seus contemporâneos, como os jovens ensaístas paranaenses Wilson Martins e Temístocles Linhares, que logo se tornariam conhecidos nacionalmente. Além, claro, dos artistas plásticos que iam surgindo em Curitiba, como Poty Lazzarotto, Guido Viaro, Leonor Botteri e Miguel Bakun.

Trevisan tinha plena consciência da estrada larga que abria com a publicação de *Joaquim*. No número 9, de março de 1947, escreve: “Primeiro cumpra derrubar os muros e esboroou-se ao eco de nossa grita a muralha da China. Segundo, por em dia a arte, no Paraná, com seu tempo. (...) Soará a hora, então, de lançar o navio ao mar aventureiro”. E continua: “Nossa geração, com trabalho humilde, se propõe a participar de seu tempo, empenhada em salvar o homem com a sua arte, como puder. (...) Não

será vã ou inconsequente, que almeje como um sol espargir os seus raios fulgidos pela terra. Nem é para tanto, o trabalho de uma só geração. O importante foi a decisão de romper com o passado, nas suas tradições estereis. (...) O mundo é um só: os nossos problemas estéticos ou vitais, são já os mesmos dos moços de Paris ou dos moços de Moscou. (...) Nossa geração, que reclama o seu direito de influir no destino do mundo, jamais fará arte paranista, no mau sentido da palavra. Ela fará simplesmente arte”. E termina com uma predição: “A literatura paranaense inicia agora”.

Na verdade, embora conhecido desde então, Trevisan continuaria a publicar seus livros por conta própria em Curitiba, em pequenas edições que emulavam a forma dos folhetos de cordel, até 1959, quando, saindo *Novelas nada exemplares* pela José Olympio, suas histórias passam a ter circulação nacional, iniciando sua consagração não só junto à crítica, mas e principalmente junto aos leitores do Brasil e do exterior.

Fenômeno isolado é Wilson Rio Apa (1925), autor de peças teatrais, romances e contos, que publica seu primeiro livro em 1957, *Um menino*

contemplava o rio. Em seguida, muda-se para Antonina, litoral do Paraná, onde se torna líder de uma cooperativa de pescadores e agricultores, e de uma comunidade artística, da qual fez parte o escritor Cristovão Tezza. No final dos anos 1960, Apa passa a se dedicar exclusivamente ao teatro, liderando o grupo de amadores Capela de formação popular, cujas peças eram apresentadas em locais públicos, bares e restaurantes em Curitiba e em São Paulo. Em 1986, muda-se para a praia da Pinheira, em Santa Catarina, onde passa a viver.

Em fins de 1967, a Fundação Educacional do Estado do Paraná lança aquela que se tornaria a mais emblemática vitrine dos autores nacionais ao longo da década de 1970, o famoso concurso de contos do Paraná. Ganhá-lo ou mesmo ser distinguido entre os cinco primeiros colocados, era ser alçado à fama quase instantaneamente. Neste período, começa a surgir uma nova geração de ficcionistas, que tem nomes como Regina Benitez (1934-2006), de *A moça do corpo indiferente*, de 1965; Nelson Padrella (1938), também artista plástico, de *O fascismo é um estado de espírito*, de 1969; Sérgio Rubens Sossella (1942-2003), autor de mais de 400 títulos, de gêneros variados e híbridos e Walmor Marcelino (1930-2009), ficcionista, dramaturgo e poeta.

A década de 1970 abre-se em novas perspectivas. O combate à ditadura insufla alento à literatura e a circulação das ideias se faz por meio de edições não convencionais — é o primado da chamada geração mimeógrafo e da literatura dita marginal. Em Curitiba é fundada a Editora Cooperativa de Escritores, pelos poetas Reinoldo Atem e Hamilton Faria, entre outros, cujos livros ganham espaço para além do Estado. É quando surgirão alguns dos mais importantes nomes da literatura de ficção paranaense: Paulo Leminski (1944-1989), também poeta e ensaísta, lança



O maringaense Oscar Nakassato venceu o Prêmio Jabuti na categoria romance em 2012 com *Nihonjin*, que conta a saga de uma família de imigrantes no norte do Paraná.

o romance *Catatau*, em 1975; Roberto Gomes (1944) estreia com as *Alegres memórias de um cadáver*, em 1979; Domingos Pellegrini (1949) inicia, em 1977, uma longa e exitosa carreira com *Homem vermelho*; Fábio Campana (1947) lança-se em 1978 com os contos de *Restos mortais* e David Gonçalves em 1979 com as histórias curtas de *Geração viva*.

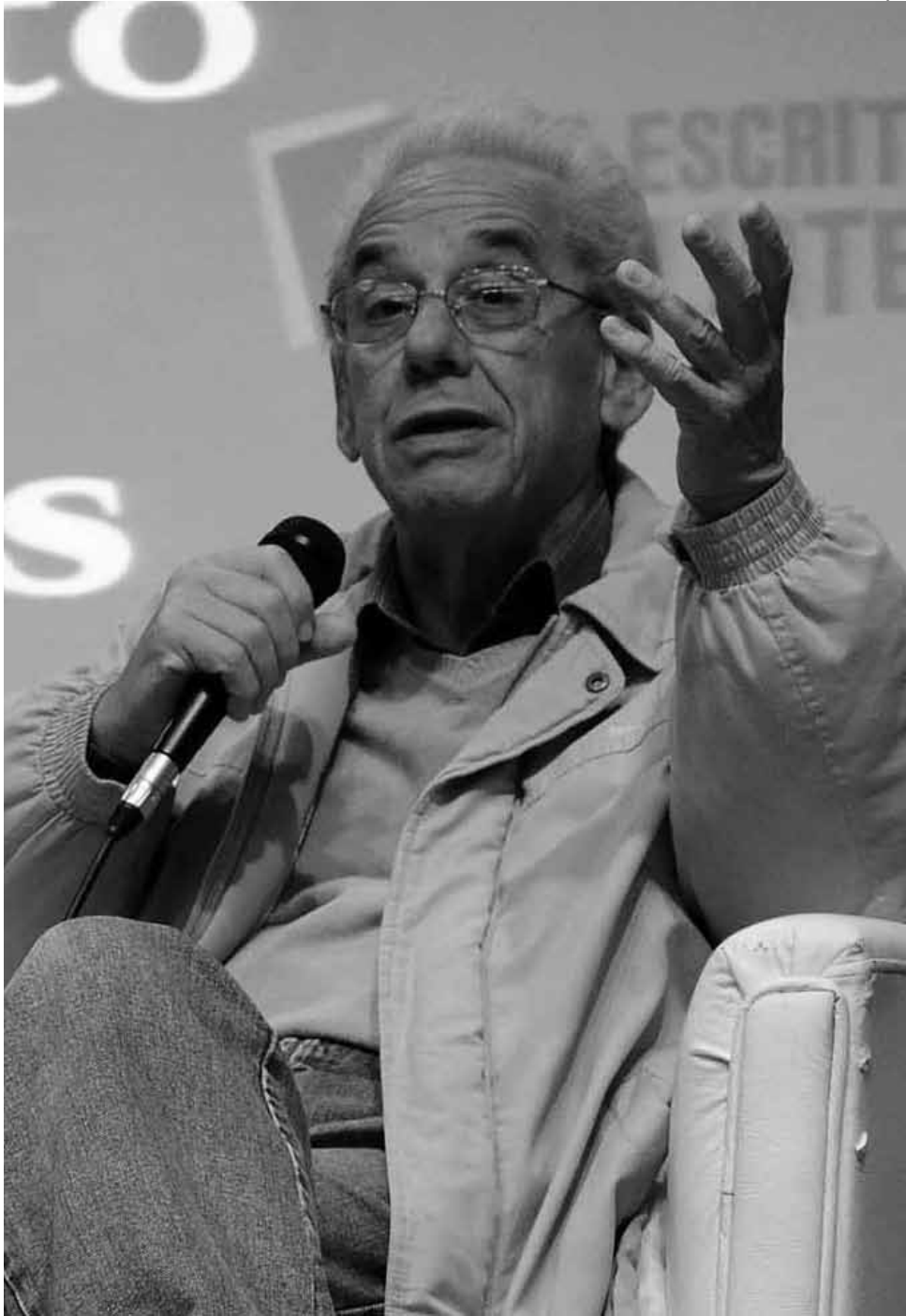
O surgimento, em 1987, do jornal *Nicolau*, sob coordenação de Wilson Bueno, que se tornou, em pouco tempo, o mais importante veículo de discussão da cultura entre o final da década de 1980 e início da década seguinte, veio coroar o aparecimento de uma das mais brilhantes gerações de autores paranaenses. Corroborando uma curiosa característica — a de que, ao contrário dos de outros Estados, os escritores locais não se mudam para São Paulo e Rio de Janeiro para obter notoriedade — Curitiba reunia, neste momento, alguns dos nomes mais expressivos da literatura brasileira.

Estreiam naquela década: Valêncio Xavier (1933-2008) com *O mês da gripe*, em 1981; Manoel Carlos Karam (1947-2007) com *Fontes murmurantes*, em 1985; Wilson Bueno (1949-2010) com *Bolero's Bar*, em 1986; Cristovão Tezza (1952) com *Trapo*, em 1988, e Jamil Snege (1939-2003) com *O jardim, a tempestade*, em 1989. Jair Ferreira dos Santos (1946), que publica *Kafka na cama* em 1980 é o único a viver fora do Estado, no caso, no Rio de Janeiro. O fim do jornal *Nicolau*, em 1996, coincide com o início de um período de estagnação cultural, não no Paraná, mas no Brasil. É um momento de instabilidade política e econômica e parece que a literatura se inflete, buscando reelaborar seus caminhos.

A fundação, em abril de 2000, do jornal *Rascunho*, pelo escritor Rogério Pereira, coincide com o começo de um novo período de efervescência da vida cultural paranaense. Editoras grandes e



Foto: Divulgação



Autor do romance *Julia*, Roberto Gomes aparece na antologia *48 Contos paranaenses*, com a história “O destino do Almirante Nolasco”.

pequenas surgem ou se consolidam — Positivo, Travessa dos Editores, Arte & Letra, Kafka e pequenos selos independentes —, revistas como a Coyote, publicada em Londrina, ou jornais como **Cândido**, da Biblioteca Pública do Paraná, conseguem manter uma periodicidade regular, órgãos públicos e priva-

dos patrocinam eventos que atualizam constantemente o repertório dos escritores, não só na capital como também no interior do Estado. Curitiba, enfim, é hoje sem dúvida alguma, ao lado de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, um dos mais importantes polos de produção da literatura brasileira.


\*\*\*

Eu sou um leitor que me fiz por antologias. Creio que as coletâneas, quando norteadas por princípios estéticos, temáticos e/ou históricos claros, cumprem bastante bem o papel de aproximar do leitor comum as várias tendências de dada literatura. Portanto, para além de oferecermos, neste livro, um conjunto de contos que têm em comum o fato de os autores terem nascido no Paraná ou para o Paraná terem migrado, colocamos à disposição, na verdade, uma gama de escritores, quarenta e um no total, que, cada um à sua maneira, ajudam a construir o imaginário brasileiro dos últimos cento e poucos anos. Cabe ao leitor escolher, entre tantos, aqueles que melhor dialogam com suas próprias experiências.

\*\*\*

Ainda uma explicação sobre os critérios utilizados para a escolha dos nomes que constam desta antologia. Procurei trazer para as páginas que se seguem o mais amplo espectro da produção contística paranaense, desde o primeiro texto em prosa em ficção, presente no livro de Lucio Pereira, *Contos Paranaenses*, de 1896, até um conto inédito em livro do jovem Thiago Tizzot. Para os autores contemporâneos, incluí apenas os que já houvessem publicado pelo menos um título, de qualquer gênero, e que tivessem nascido até 1980.

Alguém notará a ausência de alguns autores e, creia, não é lapso ou implicância. Simplesmente, nos deparamos com alguns obstáculos intransponíveis, ora a impossibilidade de encontrar os herdeiros de determinado escritor, ora a irreduzibilidade na negociação dos direitos com os herdeiros ou com o próprio autor. ■

 **Luiz Ruffato** é escritor, autor de *Eles eram muitos cavalos* (2001, Prêmio APCA e Prêmio Machado de Assis), *De mim já nem se lembra* (2006), *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009) e do projeto *Inferno Provisório*, composto por cinco volumes: *Mamma, son tanto felice* (2005, Prêmio APCA), *O mundo inimigo* (2005, Prêmio APCA), *Vista parcial da noite* (2006, Prêmio Jabuti), *O livro das impossibilidades* (2008) e *Domingos sem Deus* (2011, Prêmio Casa de las Américas). Seus livros estão publicados na Alemanha, França, Itália, Portugal, Argentina, Colômbia, México e Cuba. Vive em São Paulo (SP).

# “A poesia é elástica”

Um dos cartunistas mais “compartilhados” da geração surgida na internet revela seu interesse por poetas brasileiros de diversos estilos

OMAR GODDY

Foto: Reprodução



É difícil navegar pelas redes sociais e não esbarrar em um desenho do cartunista carioca André Dahmer (criador de séries como Malvados, Quadriños dos anos 10, Rei Emir e Apóstolos). Mas grande parte dos fãs que compartilham diariamente suas tiras, charges e ilustrações não sabe que o artista desenvolve um trabalho paralelo na literatura. Prestes a lançar o terceiro livro de poemas, Dahmer está cada vez mais

determinado a se firmar como poeta, nem que seja para ser lembrado como tal depois de morrer — como ele mesmo brinca. “Acho indigno ser enterrado apenas como cartunista”, diz, bem humorado.

Conhecido por sua abordagem ao mesmo tempo irônica e reflexiva da sociedade contemporânea, Dahmer conta que teve uma formação “humanista” em casa. Filho e irmão de acadêmicos, alguns deles ligados à área de Direitos Hu-

manos, cresceu ouvindo os papos sérios dos doutores da família. “Eu sou o único que ‘não estudou’ e foi para as artes, onde se aprende as coisas de outras formas. E até hoje, nos almoços, quando tento entrar num assunto, eles me dizem: ‘Calma, André, você precisa ler mais sobre isso.’”

A poesia e a literatura de ficção, portanto, não tinham muito espaço naquele lar lotado de volumes sobre Sociologia, História e afins. Tanto que sua primeira

“A poesia é muito elástica. Você tem a delicadeza de um Manuel Bandeira, que fala do passarinho, e a violência de um Roberto Piva, que mostra o lado paranoico de São Paulo.”

Foto: Bruno Stock



lembança literária é 1964-1984: 20 anos de prontidão, coletânea de charges produzidas por Ziraldo sobre o período da ditadura militar. “Meus pais, percebendo que eu gostava de desenhar, me deram esse livro quando eu tinha uns 10 anos, junto com *O menino maluquinho*. Não tinha muita noção do que se tratava, só ficava namorando os desenhos”, conta o artista, que nos anos seguintes também curtiu as coleções e clássicos infantojuvenis indicados pela escola (de pronto, cita *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga).

Em 1986, quando tinha 12 anos (Dahmer completa 40 neste mês de setembro), teve seu primeiro contato com uma obra adulta. Seus pais deixaram na mesa da sala o então recém-lançado — e comentadíssimo — *Brasil nunca mais*, resumo de uma pesquisa que revelou a extensão da repressão política e da tortura no Brasil durante os governos militares. “Jamais deveria ter lido aquilo, foi um impacto muito grande. Fiquei anos sem contar para os meus pais que tinha lido.”

No início da juventude, após um breve flerte com títulos de Marcelo Rubens Paiva, mergulhou na filosofia dita pessimista de Schopenhauer e Nietzsche — que hoje ele repudia. “Para mim, esse discurso de ‘homem superior’, de ‘vontade de poder’, está totalmente ultrapassado. Não vou julgar um homem do século XIX, mas acredito que esses valores não podem ser adotados no mundo atual. Sou um otimista. Acho a filosofia da estética bem mais interessante.”

A poesia, enfim, foi “descoberta” na época da faculdade de Desenho Industrial. Dahmer, que sempre desenhou e escrevia desde os 15 anos, envolveu-se com a turma fanzineira da PUC-Rio e, pouco depois, foi levado por um amigo ao já lendário evento carioca CEP 20.000. Criado em 1990 pelos poetas Chacal e Guilherme Zarvos, o “saraus multimídia mensal” marcou época ao aproximar literatura, teatro, música e per-

formance. Mais que isso: revelou uma geração inteira de artistas plásticos, escritores e jornalistas (Pedro Luís, Michel Mela-med, Viviane Mosé, Cabelo, Los Hermanos, etc.). “Hoje eu seria um designer profissional se não fosse pela coragem daqueles malucos todos”, confessa.

De lá para cá, o cartunista vem acrescentando novos nomes a sua galeria de poetas preferidos. Durante a entrevista, ele cita de Cruz e Souza a Eucanaã Ferraz, passando por Paulo Leminski, Ferreira Gullar, Augusto dos Anjos, Paulo Scott. “A poesia é muito elástica. Você tem a delicadeza de um Manuel Bandeira, que fala do passarinho, e a violência de um Roberto Piva, que mostra o lado paranoico de São Paulo”, diz o artista, que praticamente não lê ficção há dois anos.

Livros de quadrinistas, ele leu poucos. “Sou cartunista só há 10 anos, entrei nessa porque era uma maneira fácil e rápida de dar vazão à escrita e ao desenho. Antes de começar, conhecia alguma coisa de *Chiclete com banana*, Crumb, Laerte. Mais de folhear na casa de amigos. Cheguei tarde e sem referências nesse meio, não fui muito ‘contaminado’”, afirma Dahmer, que já tem nove volumes publicados — sete de quadrinhos e dois de poesia, *Ninguém muda ninguém* (2010) e *Minha alma anagrama de lama* (2013).

Com lançamento previsto para outubro pela Lote 42, seu terceiro livro de poemas é marcado por um certo risco. Pela primeira vez, os textos não virão acompanhados de imagens. “Meus amigos de verdade, aqueles que não ficam me dando tapinhas nas costas, cobraram: ‘Dessa vez não vai ter desenhinho, né?’, ‘Você vai assumir essa parada como poesia, certo?’. Resolvi encarar e acho que este é o meu livro mais maduro”, diz. Sendo assim, o título é apropriado: *A coragem do primeiro pássaro*. “Esse nome é no sentido evolucionista mesmo, do primeiro pássaro que conseguiu voar”, explica. ■

ROMANCE | RUI CARDOSO MARTINS

# O OSSO DA BORBOLETA



Ilustração: **André Caliman**

Chegava-me um deus todas as semanas pelo correio. Tenho Zeus, Apolo, Vulcano, Neptuno, Marte, uma Vénus de peito esférico, Diana a caçar, Pandora a abrir a caixinha dos sarilhos grandes, Amon Ra sentado no trono. Gregos, romanos, egípcios. Atlas segurando o calhau do firmamento por toda a eternidade e Jano, o deus das portas e duas cabeças que assim vê Janeiro a chegar e o ano que passou ao mesmo tempo. Tenho quase todos os deuses dos céus, da terra, dos mares, das guerras, do amor, tenho de tudo, sou muito prevenido, ou era. Sou proprietário dum Olimpo de vitrine.

Hoje misturados com bonecas que nem sei como vieram aqui parar, de certeza ideia da mãe misturar deuses com bonecas de plástico, peixeiras de sete saias bordadas, uma Barbie antiga made in Japan. Brinco com eles (parecem estatuazinhas desenterradas, têm as cores do mármore e do barro) e meto-os a fazer coisas que não querem, incluindo porcarias com as bonecas. Não é nada de mais. Segundo a Grande Enciclopédia Ilustrada dos Deuses da Antiga Grécia e Mitologias Afins, Zeus estava sempre a descer do Olimpo e disfarçava-se de touro bran-

co ou de cisne ou o que lhe desse na cabeça para engravidar jovens mortais. Por vezes pergunto-lhes: posso fazer isto, querem fazer aquilo? Mas eles ficam calados. Não respondem nem por enigmas. Vão castigar-te mais tarde, não devias meter-te com os deuses. Já basta o que foi.

Ouve-se o último ganido estremunhado do cão que ladra aos morcegos do poste eléctrico, há sempre um cão de serviço à noite, como as farmácias, disse o outro. Os guardas-nocturnos das lâmpadas são os morcegos, guardam a luz sem a verem, em rondas periódicas. Mesmo assim, enganei toda a gente. É nesse poste que roubo a electricidade, fiz uma puxada. Não digas a ninguém, o piquete da companhia não deu por ela, parece um fio de cobre descarnado, esquecido durante outras crises nacionais e internacionais.

A quantidade de coisas que ficam penduradas, até as memórias e amores, de súbito ligam-se à corrente e recomeçam.


Tudo combinado, o ar, o cheiro, a luz dão um impulso aos nossos instintos e deveres. Ou é esperança ou vingança o que aí vem, nos próximos dias teremos de ver melhor o mecanismo.

O Sol chega e o morcego do poste foi dormir com o estômago a abarrotar de traças, mosquitos, melgas e sangue de pessoas dentro da tripa das melgas. Pendura-se para baixo num canto qualquer de caverna, num sótão abandonado como este onde ninguém o encontra, num barco podre ou nas rochas da praia, a palitar os caninos com o ganchinho da asa, lâmina contra lâmina dos dentes, tem uma unha igual à unha do mindinho crescida dos malandros de salão de baile, dos donos de carro com buzina polifónica, dos jogadores de taberna, um traço afiado da evolução que permite palitar os dentes. Mastiga os restos de espigões, asas e patas das melgas e, porque engole o nosso sangue humano dentro das melgas, guincha num arrote de felicidade.

Aos vampiros pendurados de pernas para o ar desce-lhes o sangue à cabeça, e têm sonhos delirantes durante o dia, imagino. Os pombos, as pombas representam o espírito santo. Mas o morcego é o espírito santo do diabo, como disse o outro.

Mas que grandes cabras. O que é que eu vos disse ainda ontem? Cresçam!

A vizinha de baixo acordou e fala com as plantas. Começa cedo o espectáculo. ■

 **Rui Cardoso Martins** é escritor, roteirista de cinema, cronista e repórter. Tem 47 anos e nasceu no Alentejo, em Portalegre, a 20 quilómetros da fronteira com a Espanha. O trecho publicado no **Cândido** faz parte do romance inédito *O osso da borboleta*, que a editora Tinta da China publica ainda em 2014. Martins vive em Lisboa, Portugal.

# À espera de um Nobel

Patrocinado a partir do testamento do inventor da dinamite, o Nobel de Literatura anuncia no próximo mês de outubro o vencedor, tendo os escritores Haruki Murakami, Philip Roth e Milan Kundera mais uma vez como favoritos

BEN-HUR BENNECK



Foto: Reprodução

Autor de romances, contos e peças teatrais, o filósofo francês Jean-Paul Sartre recusou o prêmio em 1964, por questões políticas.

A Suécia não deu ao mundo apenas o conceito de ombudsman, o cinema de Ingmar Bergman e os hits do ABBA. Desde 1901, a Academia Sueca de Letras distribuiu 110 láureas que transformaram escritores em celebridades mundiais. A partir da fortuna do inventor da dinamite, Alfred Nobel, o país criou o maior prêmio literário do mundo, o Nobel de Literatura.

Na sala de espera desse Panteão composto apenas por mortais, estão nomes como Haruki Murakami, Philip Roth, Milan Kundera, Umberto Eco e Amos Oz. Lista que não descarta Cormac McCarthy, Thomas Pynchon, Don DeLillo, Salman Rushdie, Margaret Atwood, Joyce Carol Oates e Javier Marias. Até Bob Dylan pode ser uma das surpresas — tão comuns ao Nobel. Em meio à disputa, aparece o nome do brasileiro Moniz Bandeira.

## SOL DA MEIA NOITE

Apenas José Saramago foi premiado tendo escrito na língua de Camões. As línguas tcheca, turca e iídiche também têm apenas um vencedor, enquanto que o idioma espanhol emplacou 11 escritores e o inglês 27. Uns poucos números começam a indicar quanto o eurocentrismo e o peso dado aos fatores extraliterários (leia box) são constantes ameaças à credibilidade do cobiçado prêmio.

Uma vez que a Academia Sueca aceitou o desafio de responder por toda a humanidade, nem sempre ela consegue explicar suas preferências. Por exemplo, questionamentos sobre o porquê de a própria Suécia reunir mais premiados que toda a Ásia. Em 2008, Horace Engdahl, secretário permanente da Academia Sueca, aproveitou o anúncio do prêmio concedido ao francês Le Clézio para criticar a literatura norte-americana por se mostrar “muito insular” e “muito sensível às tendências da sua própria cultura de massa”.

No conjunto da obra, o diferencial do Nobel é conseguir abrir caminhos aos laureados e à literatura de seus países de origem. “Quando Yasunari Kawabata foi premiado com o Nobel, o mundo literário aproveitou para se lembrar de Ryunosuke Akutagawa, grande escritor japonês do início do século XX, admirado no mundo todo, mas não premiado em seu tempo. Além dele, passaram a ser lembrados vários outros autores japoneses de peso, incluindo Kenzaburo Oe — outro premiado com Nobel —, Yukio Mishima e Haruki Murakami”, diz o editor Jiro Takahashi, profissional ligado ao mercado editorial desde 1966.

A Academia Sueca é composta por 18 membros vitalícios, cinco deles são eleitos para um mandato de três anos à frente do Comitê Nobel de Literatura. A cada outono sueco, o Comitê envia mais de 600 cartas formais, tanto para pessoas físicas quanto para organizações, para pedir indicações de autores.

Até abril, o Comitê reduz a lista para algo em torno de 15 ou 20 nomes, a serem apresentados e aprovados ao restante da Academia. Durante o mês de maio, o Comitê elege cinco candidatos preferenciais. Durante o verão, com direito ao “Sol da meia-noite”, a Akademien se dedica à leitura dos finalistas. Em setembro, o número deve diminuir para três até que, em outubro, é feito o anúncio do laureado. Todo o processo de votação se mantém em sigilo por 50 anos.

## ANTES DO SNOWDEN

Em 2014, a Academia Sueca validou 210 candidaturas, entre eles, 36 estreantes. Uma das inscrições esteve a cargo da UBE (União Brasileira de Escritores), a qual recomendou o autor Moniz Bandeira. A decisão teve apoio público de outras associações literárias, como a Academia de Letras de Minas Gerais.

“As obras de Moniz Bandeira são sempre esclarecedoras a respeito de conjunturas que alteram ou influenciam o

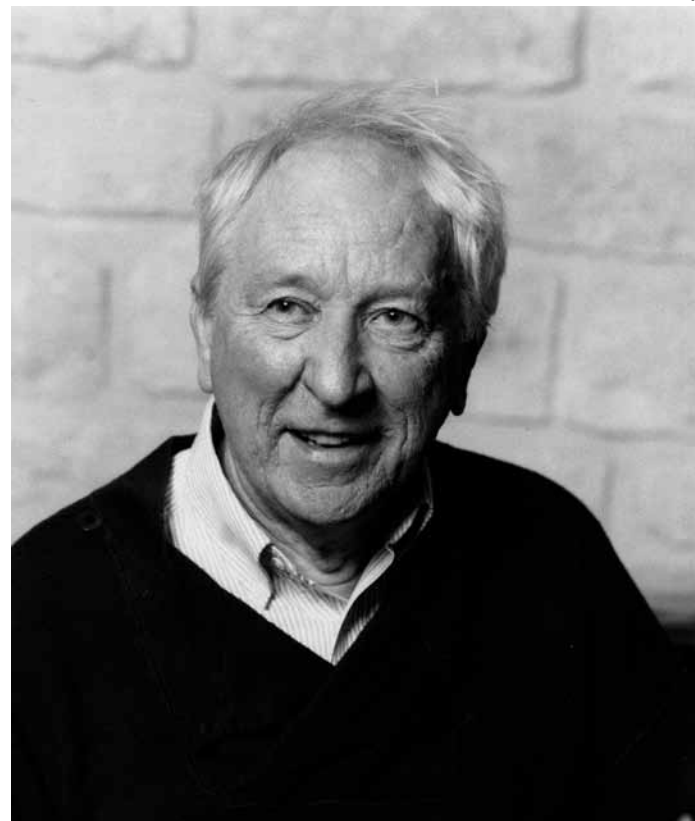


Foto: Reprodução

Em 2011, Tomas Tranströmer surpreendeu o mundo ao ser anunciado vencedor do Nobel de Literatura. Até então, o poeta sueco tinha apenas um poema traduzido no Brasil.

panorama mundial”, sintetiza Joaquim Maria Botelho, presidente da UBE. Botelho destaca o traço político-cultural eminentemente nacionalista do indicado e a adoção de seus livros pelo Instituto Rio Branco, que forma diplomatas. “Bandeira é um pesquisador metódico, cuidadoso com as informações e com a linguagem. Ele escreveu obra de fôlego, que merece ser descoberta por mais gente”, declara.

Editado até na China, em mandarim, *Formação do império americano*, de Moniz Bandeira, teve o mérito de antecipar em oito anos as denúncias de espionagem praticadas pelas agências de segurança norte-americanas, que viriam à tona com os relatos do ex-funcionário da CIA Edward Snowden. Figura pouco conhecida no meio literário brasileiro, Moniz atualmente é cônsul honorário do Brasil na cidade alemã de Heidelberg e não escreve ficção, o que dá uma conotação ainda mais singular a sua indicação.

Em se tratando de império, há 21 anos um autor norte-americano não ganha o Nobel. A autora Toni Morrison apenas amorteceu o golpe no orgulho americano de ter “apenas” três homenageados durante os últimos 59 anos. Não é à toa o sucesso da “lista alternativa” (veja box) ao Nobel proposta por Ted Gioia na internet e que o *The New York Review of Books* publicasse um texto de Tim Parks em que ele acusa a Academia Sueca de bairrismo ao premiar o conterrâneo Tomas Tranströmer. Falta pouco para Parks exigir um ombudsman para o Nobel.

## VIVER PARA CONTAR

Para Raul Hernando Osorio Vargas, o Nobel em Literatura brasileiro é uma questão de tempo. Professor da Universidad de Antioquia, em Medellín, ele lamenta que o brilho de García Márquez (Nobel de 1982) tenha acabado por ofuscar gerações que o precederam e, para o

## MEMÓRIA LITERÁRIA

mais jovens, pareça ter estabelecido um patamar distante demais para ser alcançado. Por outro lado, García Márquez projetou as letras nacionais para o planeta e, com sua influência, apoiou a abertura de instituições como a EIC-TV (Escuela Internacional de *Cine y Televisión* de San Antonio de *los Baños*) e a FNPI (Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano).

Não dá para saber quanto os brasileiros chegaram perto de ganhar o Nobel nos últimos 50 anos, devido ao sigilo que encobre o processo de votação. Desse período, podemos saber que mensagem foi enviada à Academia Sueca a partir do Brasil, caso os anúncios sejam públicos. Por exemplo, Ariano Suassuna, Ferreira Gullar, Manoel de Barros e Antonio Cândido foram indicados algumas vezes por grupos como a Academia Brasileira de Letras (ABL), a UBE, o PEN Clube do Brasil e até mesmo pelo Senado Federal.

“João Ubaldo Ribeiro e Ariano Suassuna tinham uma estatura de Nobel. Hoje, não vejo figuras dessa dimensão. Talvez — um talvez bem grande —, pelo conjunto da obra e por intervenções como o ‘Poema sujo’, reste para nós o Ferreira Gullar”, conjectura Ricardo Soares. Além de escritor, Soares é um “divulgador e entusiasta” das letras brasileiras. Ele comandou os programas televisivos “Literatura” e “Mundo da Literatura” (1998-2005).

“O caráter ‘político’ do Nobel é que lhe dá relevância. Não me refiro à ideologia, mas a uma tendência a valorizar intelectuais ou escritores que tenham uma conduta humanista. Tenho uma simpatia por ele combinar humanismo com qualidade literária — a exemplo de figuras como Albert Camus”, diz Soares. E enumera grandes oportunidades perdidas pelo Comitê Nobel em constatar o melhor da criação humana a partir do Brasil: Euclides da Cunha, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, João

Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, Erico Verissimo, Clarice Lispector, Jorge Amado, Jorge de Lima, Darcy Ribeiro e Carlos Drummond de Andrade.

## O SONHO CELTA

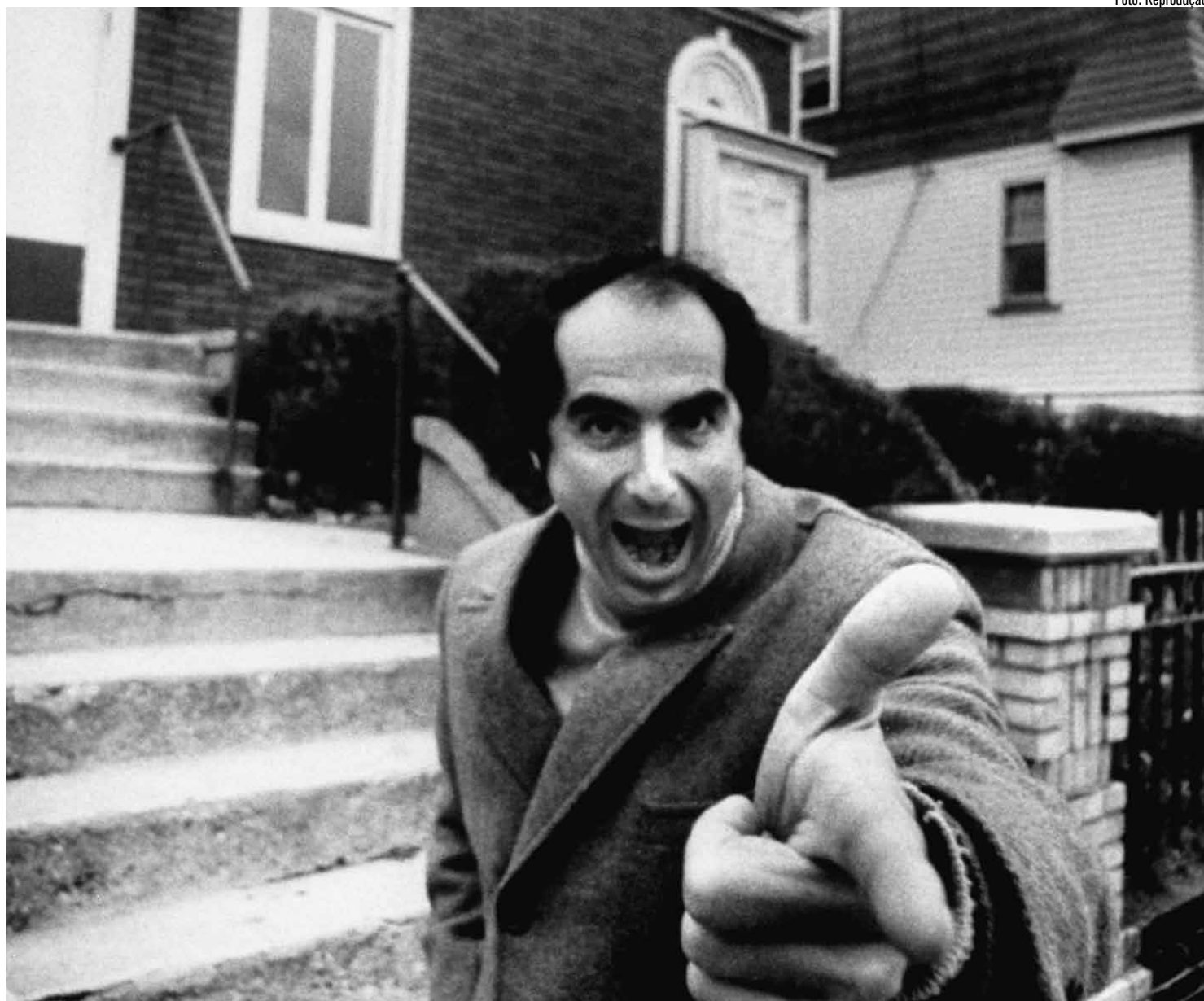
“O Nobel é uma espécie de marca global, sumamente irresistível”, comprova o professor da Universidade de Princeton Pedro Meira Monteiro. O anúncio do Nobel de Mario Vargas Llosa se deu enquanto o peruano estava vinculado ao Programa de Estudos Latino-Ameri-

canos (PLAS) da instituição, o que fez aumentar extraordinariamente a visibilidade para os estudos latino-americanos e para o ensino de espanhol em Princeton.

Ao ser questionado sobre se considerava paradoxal que o Nobel conciliasse o “benefício humanitário” com um posterior impacto editorial intercontinental, Meira equaciona as aparentes oposições: “não creio que o ‘humanismo’ esteja desconectado do mercado. Sei que pode soar mal, mas a verdade é que há um mercado para valores ‘humanistas’, e é bom que assim seja!”.

Diretor interino do PLAS, Meira ilustra sua argumentação a partir de uma recente participação na Flip: “É inevitável que em algum momento tenhamos a sensação de que há algo mais do que ‘a literatura’ ali [numa feira literária]. Há interesses, expectativas, um constante jogo de sedução, além de ódios e amores que circulam, às vezes às claras. Mas não é bem disso que fala a literatura? Aliás, não é bem isso que constitui parte importante do que é a literatura moderna?”, provoca Meira.

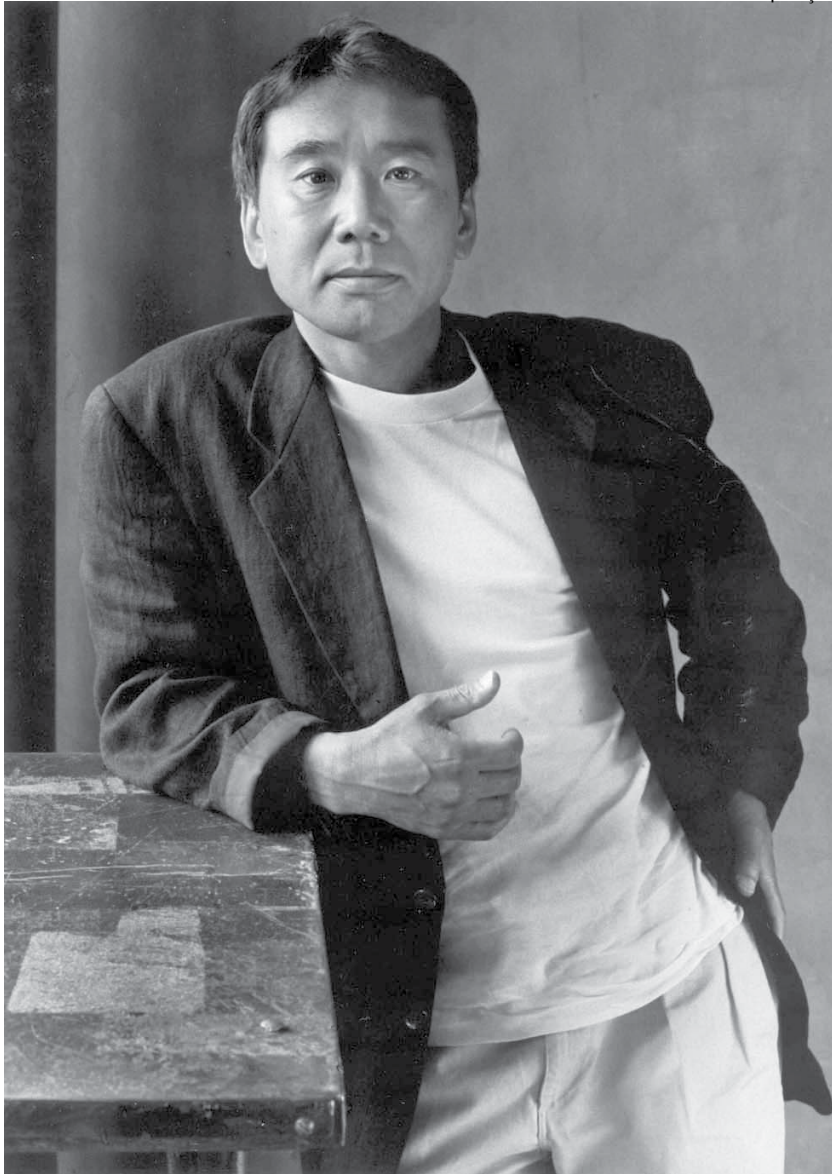
Foto: Reprodução



Philip Roth, autor que anunciou sua aposentadoria há dois anos, está sempre na lista dos possíveis ganhadores do Nobel.



Foto: Reprodução



Haruki Murakami, autor de *Minha querida Sputnik*, que flerta com temáticas pop em sua prosa, está mais uma vez entre os possíveis ganhadores do Prêmio.

## BOOKMAKER

Para se contatar as expectativas geradas pelo Nobel, basta conferir a lista do Prêmio na bolsa de apostas Ladbrokes. Na véspera de ser anunciado o novo Nobel, o chinês Mo Yan aparecera com chances de vencer em nove para um. Para 2014, as apostas são: de seis para um ao japonês Haruki Murakami; de 10 para um para a argelina Assia Djebar; de 12 para um à bielorrussa Svetlana Aleksijevič e ao húngaro Péter Nádas; de 14 para um à norte-americana Joyce Carol Oates.

O norte-americano Philip Roth, o tcheco Milan Kundera e o poeta sírio Adonis concorrem em 16 para um, enquanto que o “azarão” Bob Dylan fica em 50 para um. As leituras de verão e a colheita de morangos silvestres podem ter levado os 18 membros da Akademiem a cogitarem as mais diversas origens e nomes: Romênia (Mircea Cartarescu), Coreia do Sul (Ko Un), Noruega (Jon Fosse), Somália (Nuruddin Farah), Itália (Dacia Maraini), Quênia (Ngugi Wa Thiong’o), Holanda (Cees Noote-

boom), Áustria (Peter Handke), Irlanda (William Trevor) e Austrália (Les Murray).

Em 10 de dezembro, provavelmente alguém da lista acima participará de um banquete em Estocolmo e discursará para personalidades de todo o mundo em trajes de gala. Será o dia de receber das mãos do Rei Carl Gustaf XVI uma medalha, um diploma e um documento confirmando o valor de 1,5 milhão de dólares referente ao prêmio. A questão é saber quando um brasileiro irá para a tribuna do Olimpo moderno. ■

## Fatores extraliterários

A influência de fatores extraliterários tende a pôr em xeque o prestígio do Nobel. Critica-se que determinadas ideologias valham mais que o caráter artístico. Como de valorizar autores que lutam contra a censura, denunciam estados autoritários, pertençam a grupos minoritários ou representem traços de multiculturalismo. Fator que teria, por exemplo, valorizado o francês Le Clézio frente a um ferrenho individualista como Philip Roth e levado a manifestações com a de Horace Engdahl.

Entre essas passagens histórias, outras ideologias foram dominantes, uma vez que o conservadorismo já ignorou o brilho de nomes como Liev Tolstói e Émile Zola. Uma tendência liberal mais à esquerda começou a aparecer nos Pós-Guerras. Dos anos 1970 em diante, apoiou dissidentes do comunismo e das repúblicas satélites da URSS: Alexander Soljenitsin (1970), Joseph Brodsky (1987) e Czeslaw Milosz (1980).

## As polêmicas do Nobel

**Liev Tolstói** – O escritor russo faz parte da lista de omissões do Nobel, que ainda tem Marcel Proust, James Joyce, Vladimir Nabokov, Franz Kafka, Ezra Pound, Virginia Woolf, Júlio Cortázar, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Stephan Zweig, John Updike, Émile Zola, Henrik Ibsen e Paul Valéry.

**Jorge Luis Borges** – Nunca foi premiado. Especula-se que, em 1977, houve um recuo diante da sua iminente


premição porque no ano que passara ele aceitara receber uma condecoração do ditador chileno Augusto Pinochet. Uma vez perguntado sobre a situação de ser um eterno cotado que não se confirmava, ironizou: “Eu sempre vou ser o futuro Nobel. Deve ser uma tradição escandinava”.

**Jean-Paul Sartre** – Recusou aceitar o prêmio. Não queria ser “institucionalizado” e recebeu uma saravada de críticas. Publicou no *Le Figaro* uma longa carta em que começa lamentando “vivamente que este assunto tenha tomado a aparência de um escândalo”.

**Acadêmico rebelde** – A premiação da austríaca Elfriede Jelinek (2004) levou à “demissão” do acadêmico Knut Ahnlund, que disse ser a premiação “um dano irreparável” para o prestígio do Nobel. Considerava a autora “pobre”, “parasitária” e “unidirecional”. Morreu em 2012, considerado o “acadêmico rebelde”.

**Quase nepotismo** – Em 1974, o favorecimento a Eyvind Johnson e Harry Martinson, conterrâneos e próximos dos jurados, arranhou a imagem do Nobel. Vladimir Nabokov era um dos favoritos do ano.

**Jorge de Lima** – Admirador de Jorge de Lima, Arthur Lundkvist convenceu a Academia Nobel Sueca a eleger o poeta alagoano, autor de *Invenção de Orfeu*. Ao longo do processo, os participantes descobriram que Lima morreria em 1952. A história quem conta é Antonio Olinto, em depoimento disponível na página da ABL.

 **Ben-Hur Demeneck** é jornalista e doutorando em Ciências da Comunicação na ECA-USP. É autor de *PG de A a Z & outras crônicas* (Todapalavra Editora). Vive em Ponta Grossa (PR).

## Going down

Você sabe que eu não posso beber cerveja  
E ouvir Elvis Presley  
Fico feliz e triste ao mesmo tempo  
Entro nesse turbilhão que eu mesmo crio  
Viro a lamparina quando não temos energia  
Aquela neblina seca nos invernos sem aquecedor  
Eu me sinto esculpido  
Pelas entranhas da terra  
Acabo acreditando que sou o futuro prêmio Nobel  
Que suspendo a morte  
Pelo menos por uns minutos  
Creio ser um garoto de Liverpool  
No auge do experimentalismo  
Musical, literário, drogão  
Fico doido pra beijar as dobrinhas  
Da tua virilha, das tuas axilas  
Oh, Love me tender, Love me sweet  
Assim eu tiro o mundo de dentro de mim  
Assim eu tenho um parto orgásmico  
E fodo com os buracos negros  
E o espaço sideral  
E entro pro lado negro da força  
De repente já quero uma benzedrina  
Abandono o Elvis e os Beatles  
Quero ouvir um jazz bebop  
Aquela batida mágica  
Tomando vodka barata  
Vinho barato pra dar um barato  
E já começo a falar de Nietzsche  
E de todas as experiências possíveis  
Que nossos cérebros podem registrar  
E os conectomas que eu tenho  
Me fazem imaginar a vida dando cambalhotas  
Nas estradas com a linha puramente branca

Nas cervejas infinitas  
No teu cu rosado  
Vou sendo içado, erguido  
Excitado de pau duro para o mundo  
De coração aberto para a loucura  
A demência é minha mãe agora  
E de repente já estou na estratosfera  
Da terceira, quarta, quinta dimensão  
Com negras americanas  
Fazendo coro a Hit the Road, Jack  
Com solos de guitarra do Slash  
Eu e meus pés descalços  
Retocando as divisões etéreas das coisas  
Redefinindo as ordens e prioridades  
Remetendo a tua bunda  
Que é o segredo do universo  
Entendo que a vida é muito mais vida assim  
Do que na sobriedade massacrante  
Do que nas merdas que a gente se enrola  
Pra dizer que é alguém responsável e direito  
O mundo é uma matrix sem volta  
E a arte é que me leva pra vida de verdade  
Que me livra dessa merda comezinha  
E aí minha barba se alonga ao infinito  
Aos confins da terra  
E se enrola em você, coisa doida  
Pra dizer que eu gosto de ouvir teu gemido  
Em si bemol menor  
E a culpa de tudo isso é sua  
Porque me engoliu quando não deveria  
Porque me abriu os olhos  
Chupando meus dedos  
Me obrigando a te lambar os pelos  
A fumar teus grandes lábios

A esquecer que sou mortal  
E que virarei osso e depois pó do pó  
Apenas Dust in the Wind  
Tire daqui essa cerveja  
Antes que eu comece a compor  
Canções bregas com acordes fáceis  
Dó, Fá e sol maiores  
Com no máximo um mi menor  
Você é o meu demônio das onze horas  
Que possui minha esperança tola  
E brinca de papéis  
Venha deitar comigo e me dar uns tabefes  
Eu sou um bêbado gordo incorrigível  
Leia as minhas mãos  
E diga que eu serei o gênio do século  
Entre as tuas coxas brancas  
Nas tuas estrias e celulites  
Cale-me a boca com um beijo cuspidão  
E sente no meu cetro  
Que eu quero jorrar pelas sarjetas  
De Manhattan  
Que eu quero virar aquela poça suja  
Pra entender enfim o que eu vim fazer aqui  
Ou pelo menos pra inventar uma razão  
Tire a roupa e entre no lago  
Como num clipe do Aerosmith  
E me dê carona para Marte  
Porque lá o ar é rarefeito  
E se eu estiver parando  
Você me dá um beijo louco  
E eu pulo fora  
Venha logo  
Que essa bebedeira precisa passar  
Que logo eu quero dormir



## Admirável mundo novo

Esse início de noite ociosa,  
Uma liberdade vã  
Que logo se revela oca.  
A cabeça coça, incandescente  
Meus piolhos transitam  
Do interno para o externo  
Minha barba pega fogo  
Meus intestinos gritam  
Meu nariz sangra  
Meus pés estão sujos de vergonha  
Meu corpo todo é uma intromissão  
Na história do mundo  
Eu me sinto um aborto  
Um feto mal produzido  
Que procura alguma transcendência  
Poucas coisas fazem sentido  
Bebida, literatura, mulheres, estrada  
Ando meio desligado de todas elas  
Nas últimas semanas virei um autista  
Longe de seu próprio mundo  
Perdido um escarcéu de luzes pontiagudas  
Tentando andar entre os carros  
Nas noites chuvosas da puta mãe,  
Da cidade invertida.  
As garrafas de vinho e cerveja vazias  
Acumuladas em um canto do quarto  
Algumas fotografias velhas  
Delas todas salvas em alguma pasta.  
O mundo era um incômodo,  
A existência era ali insuportável.  
Mas de repente você me liga  
Querendo partilhar uma inocente cerveja  
Ai você me vem inconcebível

Seus pés, sua melancolia  
Seu olhar furtivo  
Seu piercing  
Sua pele quase virgem  
Seu cabelo cor de conto de fada  
É claro que eu viro clichê  
Eu nem mesmo luto  
O sexo é o servir de copos,  
Um olhar admirável  
Desse mundo novo, escrito na mesa velha  
De um bar esquecido.  
Horas depois,  
A tua saliva é meu remédio  
Pra cura dos dias intoleráveis.  
Você me cospe na boca o antídoto  
Tirando-me do coma  
Jogando-me à catarse.  
Entreter-me em você é melhor do que  
Vinho importado, cachaça envelhecida,  
Dormir até as dez, mijar apressado.  
É tão bom quanto pegar carona,  
Atravessar o país, derrubar um muro,  
Tregar na catedral, roubar um copo do bar,  
A tua língua, portuguesa, alemã, brasileira,  
Entende a existência dentro da minha boca  
A minha língua portuguesa, italiana,  
Brasileira, francesa  
Só se faz nova na altura do teu pescoço.  
E eu volto para meus poemas, minhas fotos  
Minhas crenças, no fim de tudo.  
Para meu admirável mundo velho e novo  
Com tua foto recortada no mural  
Do meu peito.



**Luigi Ricciardi** nasceu em Londrina (PR), em 1982. É formado em Letras e tem mestrado em Literatura na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atua como professor de literatura e francês. É idealizador do projeto "Mutirão Artístico" e da revista literária *Pluriversos*. É autor de dois livros de contos, *Anacronismo moderno* (2011) e *Notícias do submundo* (2014). O seu romance *Aquilo que não cabe*, ainda inédito, esteve entre os finalistas do Prêmio SESC de Literatura 2013/2014. Vive em Maringá (PR).

# Nova onda lusitana

Apesar da presença da obra de Camões, Eça de Queirós, Fernando Pessoa e José Saramago, desde a última década outros jovens autores que escrevem em língua portuguesa, de Portugal e de ex-colônias, conquistam cada vez mais espaço no mercado editorial brasileiro

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Há pelo menos uma década que os leitores brasileiros começaram a encontrar nas prateleiras e gôndolas de livrarias uma nova opção de títulos literários em língua portuguesa. Gonçalo Tavares, José Eduardo Agualusa, José Luís Peixoto, Jorge Reis-Sá, Ondjaki e Valter Hugo Mãe, entre outros, passaram a ter seus livros publicados no Brasil. Em comum, eles escrevem em português e nasceram ou vivem em ex-colônias portuguesas ou em Portugal.

O que teria motivado a presença desses autores, inclusive em eventos literários, no Brasil? O professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Alexandre

Montaury Baptista Coutinho acredita que foi um aposta comercial de editoras interessadas em divulgar autores ainda sem circulação entre os leitores brasileiros. “Mas também é possível afirmar que houve incentivos oficiais portugueses, de setores responsáveis pela difusão das culturas de língua portuguesa no mundo”, comenta Coutinho.

O escritor português Jorge Reis-Sá, autor de 20 títulos, alguns deles publicados no Brasil, como o romance *O dom*, diz não conhecer suficientemente o mercado editorial brasileiro para opinar, mas sabe que, há pelo menos 10 anos, o Brasil se voltou para Portugal. “Tenho a impressão de que isso





Ilustração: Lanlan Bessoni



aconteceu devido a mudanças no Brasil, com o aumento da classe média, do que [por um genuíno interesse] na literatura portuguesa”, observa Reis-Sá.

José Eduardo Agualusa, que é angolano, analisa que o Brasil só há poucos anos começou a olhar para fora, para o mundo. “Parece-me que o Brasil tem vindo a descobrir essas literaturas com o deslumbramento de quem se reencontra a si mesmo”, diz Agualusa. Já o escritor Helder Macedo, nascido na África do Sul e radicado em Londres, tem outro ponto de vista: “Na minha experiência, o Brasil dá mais atenção à literatura portuguesa do que Portugal dá à literatura Brasileira. Sobretudo nas universidades.”

Apesar das várias e conflitantes opiniões a respeito do assunto, a presença desses autores que escrevem em língua portuguesa e de suas obras em território brasileiro é um fato. “Graças a Deus, há uma nova literatura que respira saúde e inspiração, produtividade e energia. E está para durar”, comemora Margarida Rebelo Pinto, autora de 19 livros, entre eles o romance *Não há coincidência*.

### EM COMUM, A QUALIDADE

“Hoje, alguns autores de língua portuguesa não representam novidade para os leitores brasileiros. Há aqueles que já estão naquela fase de serem relidos”, afirma o professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) Audemaro Taranto, referindo-se, entre outros, à portuguesa Inês Pedrosa. Para comprovar o que diz, Taranto comenta que universidades brasileiras estudam o assunto há algum tempo. A PUC-Minas, por exemplo, criou em 1988 a área de Literaturas de Língua Portuguesa no programa de pós-graduação.

Helder Macedo e outros autores observam que o interesse brasileiro por escritores de língua portuguesa não é tão recente. José Saramago, antes de receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1998, era lido e apreciado no Brasil. O português José Cardoso Pires, o angolano Pepetela e o moçambicano Mia Couto também encontram ressonância entre os brasileiros há mais de uma década, além de Eça de Queiroz, Fernando Pessoa e Camilo Castelo Branco — autores de obras conhecidas no Brasil há várias gerações.

Mas, sem dúvida, pondera Ademaro Taranto, da PUC-Minas, “há novas vozes”. Gonçalo Tavares, José Eduardo Agualusa, José Luís Peixoto, Jorge Reis-Sá, Ondjaki e Valter Hugo Mãe, entre outros, representam uma nova geração? “São autores muito diversos. A única coisa que eles têm em comum é a qualidade”, opina o próprio José Eduardo Agualusa. “Não sei se é uma geração. É gente que vive da escrita. O que mais há de comum é uma visão profissional da escrita. Ou seja, mais sociologia da literatura do que

literatura. O resto, temas e afins, são parecidos porque vivemos no mesmo tempo. E o homem é sempre a sua circunstância”, afirma Jorge Reis-Sá.

Margarida Rebelo Pinto analisa que esses novos autores são, inquestionavelmente, todos diferentes entre si. “O que os aproxima é serem homens e é verdade que os homens escrevem de forma diferente das mulheres”, garante. Margarida comenta que o escritor inglês Bruce Chatwin (1940-1989) fazia a distinção entre o “escritor-toupeira”, aquele mergulha no seu mundo, e o “escritor-explorador”, o que retrata o mundo exterior. “Seguindo essa linha de pensamento, Agualusa é mais explorador, Peixoto e eu mais toupeira. Gonçalo é um caso à parte, porque sua obra é de uma originalidade de pensamento notável. Mas ninguém fala tanto de amor como eu. Acredito que, sozinha, escrevo mais sobre o amor e os afetos do que eles todos juntos”, afirma a escritora lusitana.

O prosador português Afonso Cruz, autor de 15 livros, entre os quais o romance *Para onde vão os guarda-chu-*

Divulgação



Autor de mais de 20 livros, Manuel Jorge Marmelo define a atual geração que escreve em língua portuguesa: “Os temas tratados são muito diferentes e variam até de livro para livro. Não sei se existe algum traço comum entre nós, provavelmente só o fato de escrevermos no mesmo idioma.”

Divulgação



O escritor português Afonso Cruz é um entusiasta desse trânsito de autores de língua portuguesa nos vários países onde se fala o mesmo idioma. “Não faz sentido que países que falam a mesma língua, não a partilhem através da literatura”, comenta.



Jorge Reis-Sá é autor de 20 títulos, incluindo prosa e poesia. O próximo livro, escrito em parceria com Henrique Cymerman, é sobre a viagem do Papa Francisco à Terra Santa. “Também quero trabalhar a não ficção, mas sempre com lirismo”, diz Reis-Sá.

Divulgação



Margarida Rebelo Pinto estreou em 1999 e, ainda em 2014, vai publicar o seu vigésimo livro. “No início, a crítica foi feroz, eu estava fazendo algo diferente. Mas, agora, conquistei o meu lugar”, afirma a autora.

vas, acredita que, entre os autores da nova prosa em língua portuguesa, há as mesmas diferenças que se encontram em todos os indivíduos, em todas as gerações: “Uns preferem a razão à emoção, outros o trabalho da linguagem ao enredo, outros o contrário. Os temas também variam. Por vezes, são perfeitamente cosmopolitas, outras vezes locais, há de tudo, e essa variedade torna tudo mais universal, mais humano.”

### O PASSADO NO PRESENTE

A professora de Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Maria Helena Sansão Fontes acompanha sistematicamente a produção de jovens autores de língua portuguesa que não vivenciaram diretamente o regime salazarista [1933-1974], porque nasceram pouco antes ou pouco depois da Revolução dos Cravos, em 1974, mas receberam suas marcas, herdadas de pais, tios ou avós. “São marcas da memória desses parentes que sobrevivem no imaginário e na criação das personagens, trazendo-lhes o desassossego advindo dos fantasmas da opressão e dos estilhaços das guerras de um passado recente”, afirma Maria Helena.

Para exemplificar o seu argumento, a estudiosa da UERJ cita *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, *O teu rosto será o último*, de João Ricardo Pedro e *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso. “Nos três romances citados, o sentimento marcado pela memória de um passado incômodo se sobressai na linguagem intimista e fragmentada das personagens. No caso de Valter Hugo Mãe, é a memória de um idoso, atormentado pela culpa de ter colaborado com o regime opressor ao denunciar um jovem perseguido pela Polícia In-

ternacional e de Defesa do Estado (PIDE), a polícia política, que vai permear as angustiadas reminiscências da personagem”, comenta a especialista da UERJ.

Em *O teu rosto será o último*, João Ricardo Pedro — explica Maria Helena — desconstrói a ordem cronológica para compor também um quadro sofrido, de rostos marcados pela memória perturbada de uma família, cujos tormentos incidem na formação do último descendente. Já em *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso, são as lembranças adolescentes de um jovem que vão trazer à tona as injustiças, os preconceitos e as rejeições daqueles que retornaram à Portugal após as independências das ex-colônias portuguesas.

“Essa questão de autores jovens que não viveram diretamente o período do Estado Novo [outro nome do regime salazarista], as guerras pela libertação das colônias e a Revolução dos Cravos, mas que desenvolvem esses conflitos em seus romances como se os tivessem vivenciado, torna-os mais instigantes para mim”, diz a estudiosa, completando que a linguagem desses autores, bastante diferentes entre si, reflete a problemática do romance pós-moderno, “muitas vezes valendo-se do resgate do passado, para a compreensão do momento presente”.

### PARECIDOS, MAS DIFERENTES

O escritor português Manuel Jorge Marmelo, autor de 20 livros, tem a impressão de que, até então, não existiu outra geração de autores que escrevem em língua portuguesa tão lida e traduzida quanto a atual. Jorge Reis-Sá tem obras publicadas na Itália e no Brasil. Alguns dos 19 títulos de Margarida Rebelo Pinto podem ser encontrados, além de Portugal, na Espanha, Itália, França Holanda, Bélgica, Brasil e na Alemanha. A ficção de José Eduardo



Agualusa está traduzida em mais de 25 idiomas, inclusive em língua inglesa, sonho de quase todo escritor — possivelmente de qualquer idioma.

“O mercado de língua inglesa é um dos mais fechados do mundo. Para você ter uma ideia, enquanto na maioria dos países europeus mais de metade da ficção publicada vem de outras línguas, nos Estados Unidos e no Reino Unido esse número não ultrapassa os dois por cento. Traduz-se pouco e prevalece uma grande desconfiança em relação aos livros traduzidos”, comenta Agualusa. Ele conseguiu furar esse bloqueio por ter conquistado um prêmio literário relevante, o Prêmio Independent — destinado à melhor ficção traduzida no Reino Unido. Agualusa valoriza a conquista: “Afinal, contam-se pelos dedos de uma única mão o número de escritores de língua portuguesa que é possível encontrar nas livrarias inglesas e americanas.”

Apesar desse fluxo, a presença da obra de autores que escrevem em

língua portuguesa no Brasil, em países europeus e até nos Estados Unidos, o professor da PUC-Rio Alexandre Montaury Baptista Coutinho chama atenção para um fato: “É inútil tentarmos forçar um sentido identitário de comunidade lusófona”. O especialista afirma que, apesar de um discurso de fraternidade, há inúmeras diferenças, seja nas posturas políticas e estéticas dos autores. “Quando falamos, por exemplo, de literatura angolana, estamos nos referindo, na maior parte dos casos, àquelas obras e autores urbanos, que escrevem em português. Ao mesmo tempo, estamos apagando os narradores que mantêm tradições orais ou que não utilizam o português como idioma principal. Nessa perspectiva, embora seja possível reconhecer aproximações, é preciso não perder de vista demarcações discursivas e diferenças estruturantes que vitalizam a existência dessas redes culturais”, diz Coutinho. ■

## É Portugal, mas parece o Brasil

Em Portugal, editorialmente, a situação não é das melhores. Os escritores, alguns deles jornalistas, consultados pelo **Cândido** contam que duas editoras praticamente dominam o país: a Porto Editora e a Leya. “Lê-se muito autor português. O que é ótimo”, empolga-se Jorge Reis-Sá, para em seguida lamentar: “Mas o espaço para literatura é diminuto, com apenas um jornal quinzenal, uma revista trimestral e dois suplementos semanais.” Manuel Jorge Marmelo observa que, do outro lado do Oceano Atlântico, o jornalismo, de modo geral, passa por uma crise de identidade e o jornalismo cultural perdeu muito espaço. “Os dois jornais mais vendidos, bem como as televisões, quase ignoram a literatura, mas ainda há alguns cadernos culturais em jornais de referência, mas com pouca tiragem”, diz Marmelo. É Portugal, mas parece o Brasil. ■

Divulgação



## O fenômeno Gonçalo Tavares

O professor da PUC-Minas Audemaro Taranto afirma: “Gonçalo Tavares é a demonstração de como a genialidade ganha reconhecimento imediato”. E o estudioso mineiro não é o único entusiasta da ficção do escritor angolano. Gonçalo Tavares estreou em 2001, com *O livro da dança*, e desde então já escreveu mais de dez romances — obra, no momento, com 250 traduções em 30 idiomas. De acordo com a análise de Alexandre Montaury Baptista Coutinho, da PUC-Rio, a literatura de Tavares apresenta qualidades, inclusive o fato de não ser impregnada de questões nacionais. “Camões e Eça de Queirós, por exemplo, se basearam, em momentos diferentes, em percepções específicas da singularidade portuguesa no espaço europeu. Já o Gonçalo Tavares é um escritor que pavimenta seus textos com questões que são humanas, pós-nacionais. Ele trabalha com questões políticas densas e relevantes”, diz Coutinho. O escritor nasceu em Luanda, Angola, em 1970 e, entre os seus romances, se destacam *Jerusalém*, vencedor do Prêmio José Saramago, em 2005, e *Aprender a rezar na era da técnica*, que conquistou o Prêmio de Melhor Livro Estrangeiro da França em 2010. ■

# Veredas lusitanas

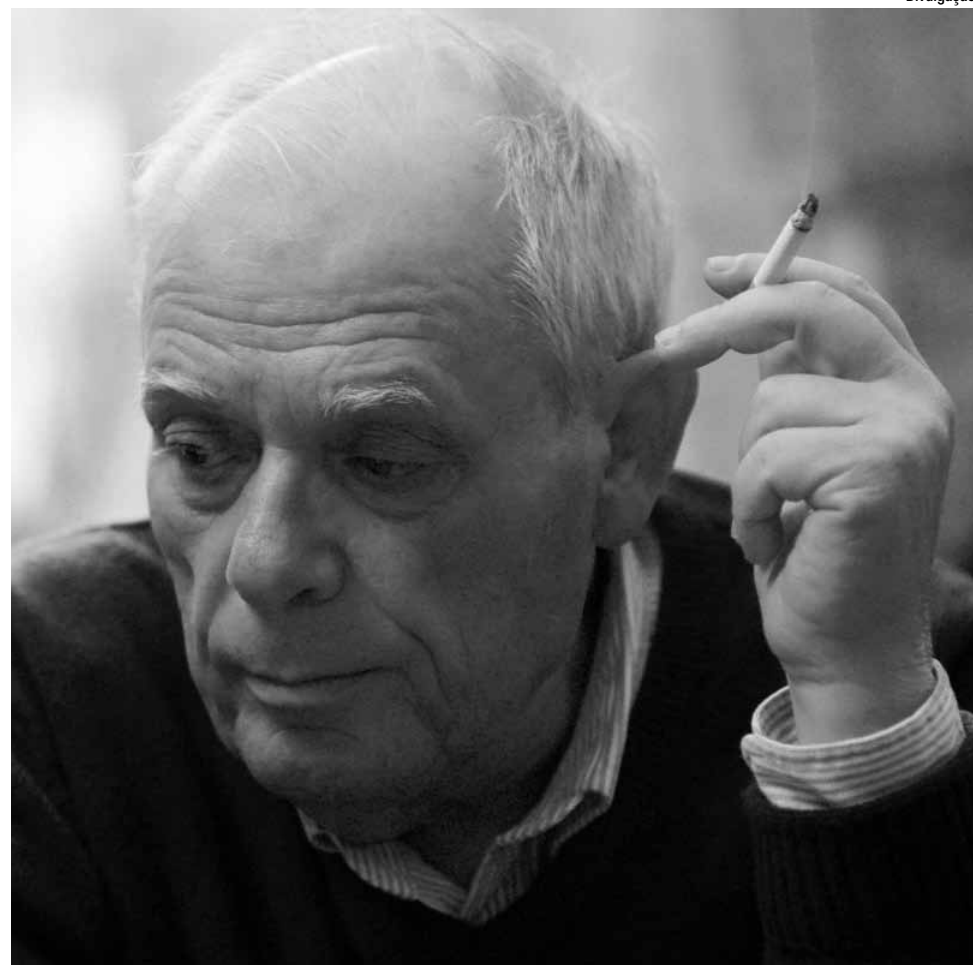
A pesquisadora **Jane Tutikian** fala sobre o avanço da literatura lusófona no mercado editorial brasileiro e a absorção dessa produção pelo leitor nacional

Não faz muito que falar em literatura de língua portuguesa publicada fora do Brasil significava falar em literatura produzida em Portugal, e não faz muito que falar em literatura portuguesa no Brasil significava tão somente falar em Luís de Camões, Eça de Queirós e Fernando Pessoa. Uma série de razões explicam — e elas passam pela situação precária (ainda) do ensino de literatura na escola básica, assim como pelo preço do livro estrangeiro, para quem não percebeu, pagamos taxa de importação, e pelo tempo, o longo tempo de espera pelo livro comprado (e pago) — e isso não tem nada a ver com acordo ortográfico.

Felizmente aconteceu o avanço tecnológico e a revolução nas comunicações no final do século passado, que colocaram o mundo próximo do mundo e as editoras brasileiras se deram conta de um nicho fantástico (ainda em descoberta, é verdade), as literaturas de língua portuguesa. Felizmente nós tivemos a chance de acompanhar o interesse geral do final do século XX, pelas então chamadas literaturas terceiro-mundistas.

Ainda entre décadas de 1970 a 1990, a Ática, numa heroica iniciativa, lançou a coleção “Autores Africanos”, à época recebida por olhos marcados pelo exótico. Hoje, à luz de outro olhar, são obras preciosas e reveladoras. Para esta nova fase de descoberta da África, abriram caminho Pepetela e Mia Couto, dois dos maiores escritores da língua portuguesa. O primeiro situa-se entre os autores que trazem consigo a sina da reescrita da história angolana, com a visão não apenas do ponto de vista do colonizador, mas também das populações que viveram o processo. O segundo, por sua vez, um conciliador de um belo projeto de moçambicanidade e a recriação estética da palavra.

Outro escritor a abrir caminhos é o angolano José Eduardo Agualusa, autor de alguns dos livros mais bem acabados das literaturas africanas, e, para ficar na última década, falemos de *O vendedor de passados* (2004) e *As mulheres de meu pai* (2007), que revisitam a africanidade através da memória. Aliás, a contribuição de Agualusa vai além, na medida em que, em 2006, cria com Conceição Lopes e Fatima



Divulgação

Formado em medicina, com especialização em psiquiatria, Lobo Antunes pratica uma prosa considerada difícil, de linguagem elaborada. Mesmo assim, o autor se tornou um dos escritores portugueses mais lidos e traduzidos de sua geração, ao lado de José Saramago.

Otero a editora brasileira Língua Geral, dedicada a autores de língua portuguesa.

Ondjaki teve publicado um belo livro de contos, *Os da minha rua* (2012), pela LG. Esse livro vem na esteira de *Bom dia camaradas*, lançado aqui só em 2014 pela Companhia das Letras, onde, através do olhar da criança, apresenta a Angola socialista, independente, quando o menino-narrador conta seu dia-a-dia. Este mesmo menino, o tema e a ambientação reaparecem nos contos de *Os da minha rua*, um álbum de fotografias que revela as gentes simples da rua Fernão Mendes Pinto. São narrativas curtas, que deixam a criança falar de seu mundo e de suas descobertas, como no romance *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2009), que recebeu o prêmio Jabuti da CBL, onde as lacunas da História, as zonas do esquecimento, são ditas pelo olhar da criança. São obras permeadas pela poesia, pela delicadeza, pelo humor, pela linguagem que combina a oralidade à arte narrativa. Em 2013, chega a vez do romance *Os transparentes*, revelador de um escritor mais maduro. O cenário é ainda a Luanda do pós-guerra, com sua economia informal, com a degradação social, com o neo-patrimonialismo. A estória é a de um homem transparente e do prédio onde vive. Aí, desfila uma interessante galeria de tipos que trazem consigo a psicologia e o comportamento dos grupos que representam. Há lirismo, mas há humor e até mais: sarcasmo.

Um dos ícones da literatura angolana, também publicado no Brasil, é Luandino Vieira. E duas obras são antológicas: o clássico *Luanda* (2006), com narrativas curtas e bem-humoradas, passadas nos musseques (favelas), que trazem a denúncia da colonização, escrito ainda sob o regime de Salazar, na Colônia do Tarrafal, e *A cidade e a infância* (2007). O último foi publicado em 1957, em Luanda, pela ABC, e



Inês Pedrosa, há anos publicada no Brasil, fez muito sucesso com o romance *Fazes-me falta*, de 2010.

depois, em 1960, em Lisboa, pela Casa dos Estudantes do Império. O primeiro, com cinco contos, o segundo, com dez. Entre os dois, em comum, o título, o conto “Companheiros” e a memória. O primeiro foi apreendido e destruído pela polícia fascista. O segundo inaugura a verdadeira ficção angolana e é o que é publicado no Brasil. Há as aventuras da infância e o jogo entre o passado e o presente (anos 40/50). O presente traz o musseque angolano. É a fronteira entre a cidade (branca) e o musseque é o asfalto, emblema de todas as fronteiras sociais e raciais, que põem em evidência no seu subtexto o discurso crítico elaborado com sensibilidade, inteligência e arte contra a burguesia branca que ocupa Luanda e a atuação da política racista do governo colonial. A linguagem que Luandino traz para seus textos é a do musseque.

Ainda de Angola, embora com uma proposta totalmente diferente, não há como deixar de mencionar João Melo. Teve publicado no Brasil, pela Record (2006), *Filhos da pátria*. Trata-se de excelente contista que usa as formas do cômico para questionar as “verdades absolutas” da vida angolana do pós-colonialismo, sejam elas sociais, políticas ou morais, e também as “verdades literárias”, na medida em que tem um narrador que atravessa todos os contos e que é absolutamente irreverente e crítico. Também no cômico, na linha da paródia, a Gryphus publicou *Quem me dera ser onda* (2005), do excelente Manuel Rui, compadre do nosso Martinho da Vila. Ao contar a estória do porco chamado Carnaval da Vitória, o escritor satiriza todo o contexto sócio-político do pós-independência. E isso sob a aparência de uma estória infantil.

Paulina Chiziane, primeira escritora e romancista moçambicana, apresenta um trabalho impressionante sobre a condição feminina. Em 2004, a Companhia das Letras mostrou ao Brasil *Niketche — uma história da poligamia*, uma obra surpreendente em todos os sentidos. Há humor, há lirismo, mas há, sobretudo, na sua prosa, um mergulho profundo na cultura tradicional de Moçambique e no papel que cabe à mulher numa sociedade poligâmica.

Dos autores moçambicanos, é preciso falar de *Rio dos bons sinais* (Língua Geral, 2012), de Nelson Saúte, cujo cenário é a morte e o luto e cujo tema são as relações humanas, o amor e a amizade. Como diz o “nosso moçambicano” Ruy Guerra, o livro é o encontro de outras gentes, de outras terras, outra maneira de juntar as mesmas palavras, outro mar. Saúte usa uma forma



De Moçambique, Mia Couto é autor de mais de trinta livros, entre prosa e poesia. Seu romance *Terra sonâmbula* é considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. Recebeu uma série de prêmios literários e, em 2013, foi vencedor do Prêmio Camões, o mais prestigioso da língua portuguesa.

simples, que diz muito da cultura africana, de valores complexos, de sentimentos completos.

Da Guiné Bissau, o nome publicado pela Pallas, em 2006, é o de Abdulai Sila, autor do primeiro romance nacional: *A última tragédia*, que inaugura a trilogia formada com *Eterna paixão* e *Mistida*. *A última tragédia* conta a estória de Ndani, a hospedeira de azar, denunciando por ela a relação de opressão estabelecida pelo colonizador, na capital e no interior. É a narração da nação, como disse Moema Augel.

É ainda necessário falar, pela qualidade literária, de um escritor não africano, mas de um país que foi colônia portuguesa e que, três dias após a independência, foi tomado pela Indonésia, o Timor-Leste. Estou falando de *Réquiem para o navegador solitário* (2010), de Luís

Cardoso. Os conflitos étnicos e políticos da ilha, que serviu como prisão, cercada por tubarões e piratas estão lá, mas também está lá Catarina, que se dedica à recuperação da fazenda Sacromonte enquanto aguarda a chegada do navegador solitário. Estão lá a história e a cultura timorense com seus mitos. Com um estilo fortemente individuado, Cardoso é o grande romancista do Timor e um dos mais criativos — do ponto de vista do estilo — das literaturas de língua portuguesa.

Há que se mencionar, também, os escritores que trazem um novo fôlego à já, sem dúvida, literatura europeia de ponta: a portuguesa, cuja figura ilustre é Saramago, não apenas pelo Prêmio Nobel (1998), mas também porque ele reabre as portas e, com seu espírito polêmico e com sua lucidez crítica, é o primeiro

“Figura ilustre é Saramago, não apenas pelo Prêmio Nobel (1998), mas também porque ele reabre as portas e, com seu espírito polêmico e com sua lucidez crítica, é o primeiro escritor português a não aceitar ser traduzido’ para o português do Brasil.”

escritor português a não aceitar ser “trauzido” para o português do Brasil.

Superada a geração de abril, revela-se Gonçalo Tavares, nascido em Luanda. Temos publicados no Brasil os livros da série “O Bairro” e da tetralogia “O Reino”. Os habitantes do bairro (dez narrativas curtas) são pessoas notórias como Valéry, Breton, Calvino, Swedenborg, Eliot... Se esses textos são marcados pela ironia, pelo riso, no outro extremo está “O Reino”, de que destaque *Jerusalém* (2006). Não há como sair o mesmo da sua leitura. A obra é estruturada como microcontos que tecem as histórias pessoais em diferentes tempos — presente, passado e futuro — numa mescla de sofrimento, horror, loucura, enfim, uma densa análise do funcionamento social, quando no limite da sanidade.

Outro escritor que veio para renovar a literatura portuguesa contemporânea é Valter Hugo Mãe, português nascido em Angola (leia entrevista na página 30). Mãe tem todos os seus romances publicados entre nós. Foi, inclusive, vencedor do Portugal Telecom, um dos prêmios mais prestigiados do país, com *A máquina de fazer espanhóis* (2011). O enredo é aparentemente simples, se pensarmos que o velho Silva, de 84 anos, perde a esposa, o grande amor da sua vida e é levado para um asilo, mas é mais do que isso — inclusive porque lá também vive o Esteves sem metafísica (“Tabacaria” — Álvaro de Campos) — é a história do humano, suas realidades, suas memórias, suas fantasias. Tudo num estilo singular e escrito em letras minúsculas. Ao lado desses dois jovens talentos, coloco um terceiro, José Luís Peixoto, com o seu *Cemitério de Pianos*, editado pela Record em 2008. Com uma estrutura inovadora, o romance se passa durante uma maratona e tem como inspiração o atleta português Francisco Lázaro. Através

de diferentes narradores — que marcam a complexidade da obra — em tempos diferentes, os Franciscos revelam a história da família. Há um ciclo que se repete entre nascimentos e mortes, como os velhos pianos da oficina, de que outros serão construídos. É um livro que impressiona.


Duas mulheres representam este sopro de renovação. Inês Pedrosa, que fez muito sucesso no Brasil com o romance *Fazes-me falta* (2010), publicado pela Objetiva. O processo narrativo da obra é pautado pela originalidade, na medida em que é contado por duas vozes e uma delas é a do pai morto. É um romance humano, amparado pelos sentimentos de amor e de amizade, e de uma intensidade poética única.

A outra mulher é a grande Lídia Jorge, com seu irretocável domínio

da narrativa e sua inquietação estética. Em 2012, a Leya Brasil trouxe *A noite das mulheres cantoras*, cujo pano de fundo são os retornados, meio milhão de portugueses forçados a retornar a Portugal depois da independência das colônias, deixando na África tudo o que possuem, voltando para uma terra que já não mais conhecem. No início do livro, Lídia Jorge esclarece que ao contar-se a história de um grupo, conta-se a história de um povo. O grupo é formado por quatro jovens que querem alcançar a fama com um conjunto de mulheres cantoras.

Por esses nomes e por outros, quando alguém põe em dúvida o futuro da língua portuguesa, penso na sua literatura. Minha resposta? Vai muito bem, obrigada! É que literatura é ponte e revela mesmo quando esconde. Seu

silêncio é feito de liberdade, sua construção de uma aventura estética total, detonadora de percepções, compreensões e visões inesgotáveis e, nesse sentido, as literaturas de língua portuguesa (e a gente nem falou da brasileira) nada ficam a dever às melhores do mundo, seja lá o que “melhores do mundo” signifiquem, mas isso já é outra estória. ■

 **Jane Tutikian** é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e autora, entre outros, dos livros *Pessoas* (contos, 1987), *Geração traída* (novela, 1990) e *Velha identidades novas* (ensaios, 2006). Vive em Porto Alegre (RS).



Reprodução

Contemporâneo de Machado de Assis, Eça de Queirós foi durante muitas décadas um fenômeno literário no Brasil. O autor de *O primo Basílio*, ainda hoje é um dos escritores mais conhecidos de Portugal, junto com os poetas Luís de Camões e Fernando Pessoa.



Divulgação

Ondjaki nasceu em Luanda, em 1977. Seus livros *Bom dia camaradas* e *Os da minha rua* tratam da Angola que acabou de se tornar independente e é obrigada a repensar as regras sociais e a questionar as causas da desigualdade.



Divulgação

Luandino Vieira é o pseudônimo literário de José Vieira Mateus da Graça. O escritor nasceu em Portugal, em 1935, mas emigrou com os pais para Angola em 1938. A luta contra a dominação portuguesa custou-lhe mais de uma década na prisão, onde escreveu boa parte de sua obra. Em 2006, recusou o Prêmio Camões.

Foto: Lina Faria



# “O cidadão mais comum é sempre o herói”

**Valter Hugo Mãe**, escritor angolano radicado em Portugal, fala sobre seus projetos literários, visão de mundo e a recepção de sua obra no Brasil e na Europa

---

THIAGO LAVADO

**D**esde que Valter Hugo Mãe esteve no Brasil pela primeira vez, na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em 2011, tornou-se uma espécie de celebridade literária do país. Um fenômeno interessante em um país de poucos leitores. Na ocasião, o autor conquistou o público brasileiro com elogios ao país e a vários escritores locais. Três anos depois, o fenômeno Mãe parece consolidado. Em agosto, ele esteve em Curitiba para a 2ª edição do festival Litercultura e mobilizou a cidade e grande número de leitores, que lotaram sua palestra. Com o *Cândido*, falou sobre a recepção de sua obra romanesca, composta por *A desumanização* (2013), *O filho de mil homens* (2011), *a máquina de fazer espanhóis*

(2010), *o apocalipse dos trabalhadores* (2008), *o remorso de Baltazar Serapião* (2006) e *o nosso reino* (2004), todos publicados em no Brasil.

**Depois da Flip de 2011, o senhor foi muito bem recebido pelo público no Brasil e conquistou muitos leitores aqui. Mas como é a recepção da sua obra no restante da Europa e nos outros países de língua portuguesa?**

Sou muito lido em vários países e fui muito bem recebido em diversos lugares. Em alguns melhor que em outros. A França, por exemplo, recebe-me muito bem, a Alemanha também. A Croácia, que é um país que eu não conhecia, tem recebido muitíssimo bem os meus livros. Curiosamente, a Espanha é um país em

que minha obra não teve uma recepção muito boa. A crítica excepcionalmente bem, mas o público não lê e não vende nada na Espanha, que é ali tão ao lado. Mas a Espanha não quer saber muito dos portugueses: somos vizinhos e deve ser isso. Não faço ideia. Publiquei lá *a máquina de fazer espanhóis* e achei que haveria um interesse muito grande para saber o que é uma máquina de fazer espanhóis. Não houve interesse nenhum, o livro foi um fracasso lá. Fiquei bem puto com os espanhóis por causa disso. A literatura também é uma coisa lenta, leva tempo. Não lemos um livro com a rapidez que ouvimos uma canção ou vemos um filme. A literatura é um investimento demorado. A vida do escritor vai ser sempre pautada por essas esperas e às vezes não adianta nem esperar: não vai acontecer. Vai ter que aceitar assim mesmo.

**Em *a máquina de fazer espanhóis*, o personagem principal se chama Antônio Silva e representa o cidadão comum português. Aqui no Brasil temos muitos Silvas também. A partir do conhecimento que o senhor tem do Brasil, há semelhanças entre o “Silva” brasileiro e o português?**

Efetivamente, o Brasil parece um lugar de gente que vem direto da terra, de gente que brota, que se mescla. Hoje em dia o brasileiro é essa mistura que acaba por ser ao mesmo tempo um retrato do mundo. Mas é um retrato que só poderia acontecer aqui, que acaba se misturando com o cacau, com a mandioca e creme de milho, que eu adoro, com guaraná. Mas há coisas que se prendem, como essa espécie de proliferação do Silva e que tem uma dimensão muito portuguesa no Brasil. Esses são os Silvas portugueses que vieram pra cá e aqui ficaram. Quando o brasileiro diz que o português foi o colonizador, na verdade o que está dizendo é que eles foram os seus colonizadores. O

português colonizou-se aos antepassados dos brasileiros de hoje. São aqueles que escolheram num determinado momento fazer parte desta mistura. É muito interessante perceber as coisas a partir desse nome, porque, de fato, o Silva é isso: é uma coisa que chega e que se alastra, se adapta às condições do lugar, como se fosse endêmica. É uma estrutura orgânica que imediatamente adquire características endêmicas, por isso é um nome muito simbólico. Eu gosto — aliás, creio que é um dos melhores elogios que se pode fazer a Portugal — de apontar o Brasil como um país cobiçado pelos portugueses. É claro que sabemos que o Brasil estava cheio de povos indígenas, mas, como unidade, este território foi cobiçado pelos portugueses. Deve ter sido a única coisa que os portugueses fizeram e tem propensão a dar verdadeiramente certo.

**Ainda falando sobre *a máquina de fazer espanhóis*, o Senhor Silva acorda, um dia, diante da ditadura portuguesa. Aqui no Brasil nós também temos um histórico de ditadura recente e que ainda está muito presente na vida de todos os brasileiros. Como esse assunto é tratado na literatura portuguesa?**

Sou absolutamente contra os totalitarismos, seja à esquerda ou à direita. Todas as ditaduras estão sempre erradas, pecam exatamente por esse princípio de que um só indivíduo pensa por todos. Tudo que agrida a democracia, para mim está errado. Ainda que a democracia possa ser deficiente. Eu diria que daquilo que conheço da ditadura brasileira, no fundo, ainda é uma memória mais grave do que a portuguesa. Foi nojenta, mas ainda assim amena, comparada ao que aconteceu no Brasil. Por isso tenho muito respeito por essa memória, que ainda é muito recente, e pelos efeitos dessa ditadura. O descalabro econômico em que a ditadura deixou o

país é muito perceptível hoje e ainda percebemos no Brasil algumas dificuldades que vão levar muitos anos para serem ultrapassadas. Mas há aí uma gloriosa expectativa: o Brasil levantou-se e tem estado a se tornar uma potência a nível mundial. Espero que os brasileiros consigam não só respirar, depois de tanta dificuldade, como criar estruturas. É muito importante que esse levantamento não seja ilusório e que a benesse que ele traz não seja desperdiçada, mas canalizada justamente para a estruturação.

**Seus personagens são tomados por um sentimento de angústia e solidão, mas, apesar disso, eles têm uma amplitude amorosa muito grande, seja por uma irmã, por uma esposa. Isso também faz parte do autor?**

Eu sou uma pessoa cheia de angústias, feita de muitas tristezas. Creio que a vida é terrível para toda a gente, e que nós construímos uma esperança de felicidade em cima de um ponto de partida aterrador, porque, desde logo, tudo que construímos, fazemos sabendo de antemão que vamos morrer e por isso tudo é efêmero. Depois, porque não sabemos quando vamos morrer ou quando vamos perder nossas faculdades, então a efemeridade das coisas pode ser ainda maior do que esperamos. E depois ainda, porque mesmo quando estamos no tempo mais capaz de nossa vida, há coisas que falham ao nosso redor: as pessoas que perdemos, as dificuldades, a existência, as dúvidas, de todo mundo que não acredita em nós. Por isso, eu estou convencido de que o cidadão mais comum é sempre o herói. A resistência para o cotidiano já é uma forma de heroísmo. E eu não sou exceção a isso: minha vida não é tão maravilhosa que me poupe a todas as tristezas. Agora o que eu procuro fazer, e também nos meus livros isso aparece, é dosar a tristeza. Fazer com que ela não

seja muita todos os dias. Fazer com que ela seja um componente, mas que não se sobreponha nunca à esperança de se estar melhor.

**Em outras entrevistas, o senhor mencionou que, a exemplo de Halla, uma de suas personagens, tinha experimentado a perda de um irmão, de maneira distinta, antes de o senhor nascer. Qual é a parcela de autobiografia que seus livros têm?**

Tem sempre alguma coisa. Na maior parte das vezes tem algo que eu não planejei entregar ao livro, mas que ele roubou, quis tomar de mim. Tem que ter coragem para abordar certos temas, porque por vezes abordamos temas que nos magoam, que nos fazem lembrar coisas que talvez quiséssemos esquecer ou que temos guardadas para instantes muito íntimos. E a literatura é toda ela uma forma de remexer nos sentimentos e nas memórias. Em *A desumanização* acontece esse episódio. Em determinada altura, eu não queria ter comentado ou pensado esse episódio, mas foi impossível deixar de perceber a coincidência do que aconteceu com Halla e o que aconteceu comigo. Mas isso também torna o livro mais valioso, digamos assim. Não usa só o que imaginamos, mas aquilo que já temos como certo, o que dá certa segurança. Escrever sobre o que sabemos é também uma maneira de se ajudar. Embora a literatura seja toda ela uma forma de ir ao encontro daquilo que não sabemos: escrevemos livros porque queremos descobrir alguma coisa, não propriamente porque já sabemos. Os livros são uma mistura do que foi, do que não foi e muitas vezes do que passa a ser. O livro é uma experiência tão profunda na vida do escritor que passa a ser um discurso que tinge todo aquele tempo em que foi escrito. Ele acaba sendo sempre uma forma de autobiografia. ■

## ROMANCE | MANOEL JORGE MARMELO

Ilustração: **Lanlan** Bessoni





# JUSTINA

O mais difícil de tudo é saber por onde encetar a desembaraçada história do nosso indecoroso trisavô, tantos e tão pícaros são os episódios que compõem a difusa lenda dele. Como em outras situações semelhantes, o mais indicado será, também neste caso, que se comece pelo princípio: não no dia em que Alberto, ainda mal saído das entranhas de Setembrina, a nossa tetravó, viu a luz da Açoreira filtrando-se entre as vides, mas na exacta tarde em que se inaugurou o primeiro fascículo das suas movimentadas aventuras sexuais. A rapariga chamava-se Justina e nenhum dos dois há-de ter podido gabar-se de terem feito coisa boa, tão ineptos eram ambos nos aspectos práticos da fornicção.

Alberto ainda não tinha nenhuma alcunha nesse dia, nem foi então que a ganhou. Devia ter, eu sei lá, os seus treze ou catorze anos e andava a vadiar pelas quelhas, de fisga em punho e sem nada em que se ocupasse, quando viu que a filha do moleiro vinha pelo carreiro na sua direcção. Era Primavera, os estorninhos piavam no ar e as bordas dos lameiros estavam carregadas de florzinhas de cores festivas. A moça era o seu quê mais espigada do que ele, já quase uma mulher, e vinha descalça com um braçado de folhas de milho para ir deitar às vacas. Detiveram-se um diante do outro, olhando-se e medindo-se, sem saberem bem que a turbacção que estavam sentindo não era outra coisa senão a vontade de praticar um no outro aquilo que os porcos fazem às porcas. Justina, ainda assim, deu um passo à direita para se desviar do caminho do rapaz, mas ele imitou-a como a imagem de um espelho e cortou-lhe a fuga.

Deixa-me ir que se faz tarde para ir pensar a Bonita.

Ela espera, que remédio. Não tem querer.

Desafiador, Alberto deitou-lhe a mão à forragem, espalhando-a na terra semeada de feijão. Ela empurrou-o com malícia, pondo-lhe a mão no peito. Ele segurou-lhe no braço e puxou-a para si. Num instante estavam enleados e derrubados sobre a cama de talos de milho — ele por cima dela, olfatando-se como bichos e tirando com atrapalhação as roupas que lhes tolhiam os ímpetos. Naquilo em que a técnica os não favorecia, valeu-lhes a natureza, que é a maior das mestras: pelo que no corpo lhes latejava foram capazes de encontrar-se, sôfregos ambos, e desajeitados. E depois voltaram cada qual à sua vida pelo rumo que traziam antes, corados e sorrindo como parece que acontece desde que o mundo é mundo, mesmo entre os bichos que não são capazes de rir. Riem-se para dentro e, se calhar, é o melhor que fazem.

Daquele dia em diante, Justina e Alberto foram, por assim dizer, uma espécie de namorados. Não passeavam de mãos dadas nem tinham muito que dizer um ao outro, mas inventavam ocasiões em que pudessem esbarrar-se pelos caminhos, aprendendo gestos que antes não conheciam nem sabiam que pudessem existir. Ir buscar água à bica, recolher o gado, apanhar milho ou batatas — tudo se tornou pretexto para se encontrarem e voltarem a sentir a urgência da primeira vez. E bem depressa o nosso trisavô se deixou afeiçoar pela adoração de tudo o que compõe o corpo da mulher, os seus líquidos e os seus cheiros, a macieza das coxas e o volume dos seios.

Curioso como era, bem depressa passou a reparar também nos encantos de outras mulheres, avaliando-as como podia e pondo-se a imaginar que mistérios e delícias ocultavam sob as roupas simples e, às vezes, sujas. Olhava-as e media-as com a fineza de um milhafre voando em círculos por cima da presa, rondando antes do voo picado e rapace, implacável. Uma após outra, várias moças e damas sucumbiram à amorosa rapina de Alberto, entregando-se-lhe afogueadas e seduzidas pelo sorriso desafiador e bonito que o Cricas devia ter, e pelas palavras que há-de ter aprendido a sussurrar, certeiras e definitivas como fisgadas de um cupido rústico.

Ainda não tinha dezasseis anos e já o nosso trisavô contava um número significativo de triunfos amorosos, dos quais se gabava quanto podia, contando-os nos ajuntamentos de rapazes no adro da capela ou quando iam a pé para a feira, provocando-se e guerreando como lobos juvenis. Fascinava-os com a descrição pormenorizada das suas torpezas e com a certeza das suas sentenças, garantindo que as mulheres se queriam assim ou assado: que as mais roliças eram de estalo por terem mais que apertar, que as magrinhas como gravetos se revelavam surpreendentemente habilidosas, mas, em todo o caso, que não havia nada como uma crica pentelhudinha, como a da Farinhota da Copada — e por aí adiante. Tanto presumia de já ter empernado com esta e com aquela que, certo dia, um dos rapazes lhe chamou Cricas, mais por inveja do que como elogio, e se calhar já farto de tanta bazófia e gabarolice. O nosso trisavô, porém, não desgostou daquilo. Arrimou-se a um muro esgravatando a

terra com o pau que usava como cajado e para se defender de algum improvável meliante, e declarou com a solenidade possível a um fedelho de quinze anos:


Gosto de cricas e não nego. Quem não gosta que ponha na beira do prato. Mais fica.

E foi quanto bastou para que, pelos anos vindouros, aquele viesse a ser o seu distintivo. Usava-o com certa vaidade e orgulho, e, fosse como fosse, nunca se cansou de gostar da pardaleca. Era um apelido que lhe ia a matar.

No dia em que fez dezasseis, o irmão de uma moça a quem tinha feito mal apanhou-o sozinho e agarrou-o pelo gorgomilo. Ameaçou-o e disse-lhe que havia de arrepender-se de andar a bulir com quem não devia, fazendo menção de lhe aviar um sopapo. Alberto esquivou-se, acertou um biqueiro na canela do outro e, tendo ganho distância, atirou uma paulada na cachola do desonrado, deixando-o prostrado no chão.

Só me arrependo das cricas que não conheço, disse. A da tua irmã é bem boa, mas não lha escangalhei nem nada.

E deitou a correr pelo caminho, não fosse o outro refazer-se da pancada e ter ainda disposição para tirar teimas. ■

 **Manoel Jorge Marmelo** é autor, entre outros, do livro de contos *Oito cidade e uma carta de amor* (2003), e dos romances *As mulheres deviam vir com livro de instruções* (2005) e *Uma mentira mil vezes repetida* (2011). O texto publicado pelo *Cândido* é parte do romance inédito *A roda do mundo*. Marmelo foi jornalista por 23 anos e mora no Porto, em Portugal.

# “Ler é resistir” é tema da 33ª Semana Literária Sesc

Divulgação



Parceira no evento, Biblioteca Pública do Paraná promove bate-papo com autores infantojuvenis

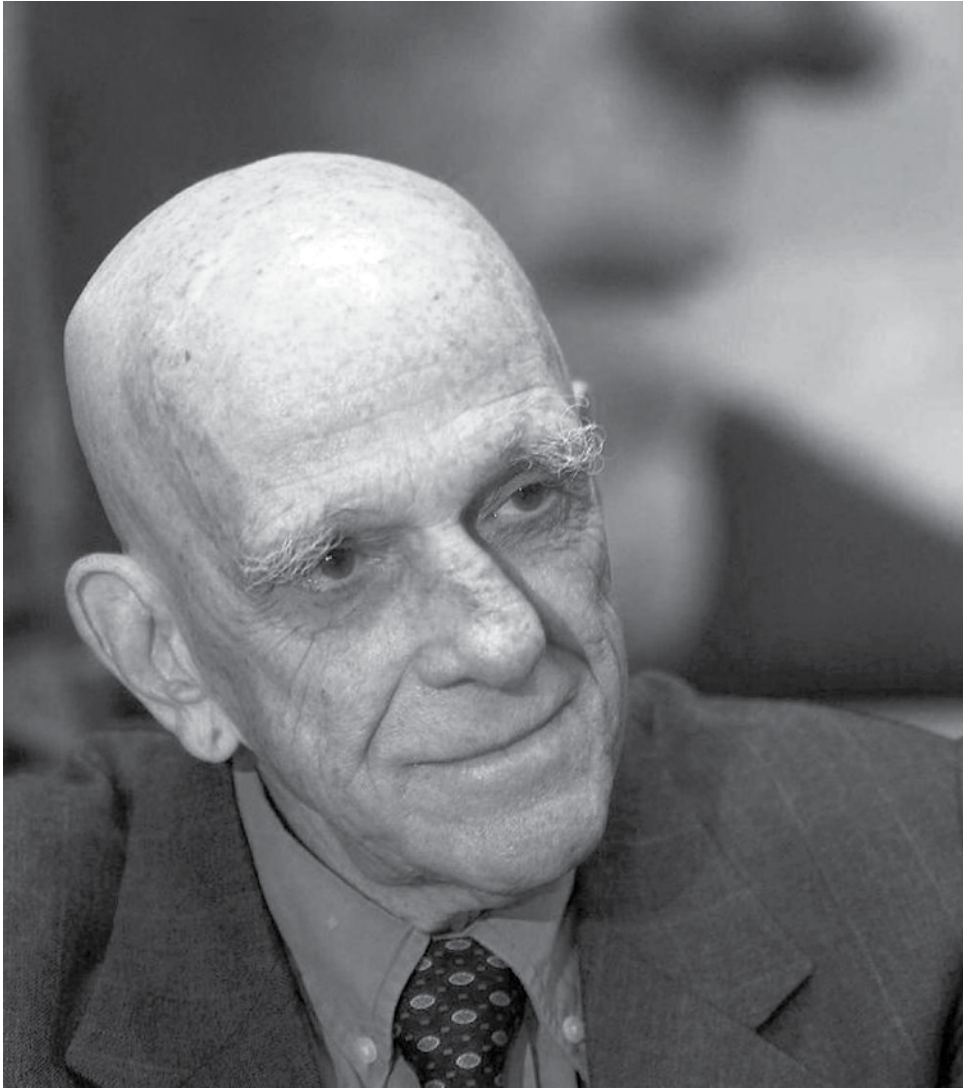
---

THIAGO LAVADO

**C**om homenagens às obras de Rubem Fonseca e Domingos Pellegrini (Patrono da edição), a 33ª edição da Semana Literária Sesc terá início no próximo dia 15 setembro. Paralelamente acontece também a 12ª Feira do Livro da UFPR. Uma tenda montada na praça Santos Andrade, no centro de Curitiba, será palco das atividades do evento, que segue até o dia 20. A Semana também acontece em mais 20 cidades do interior, na mesma data.

O tema da Semana este ano é “Ler é resistir”, numa referência à questão de como a ficção aborda a temática da violência, daí a

Reprodução



"Ler é Resistir": A partir da literatura de Rubem Fonseca, a 33ª edição da Semana Literária Sesc debate a violência a ficção nacional.

lembrança de Rubem Fonseca, que sempre trabalhou com o tema em sua ficção.

A conferência de abertura ficará a cargo do jornalista e escritor Zuenir Ventura, autor de livros-reportagem (1968 — *O ano que não terminou*) e do romance *Sagrada família*. Na programação, estão previstos bate-papos com Bernardo Kucinski, Ivan Angelo e Marcelo Yuka. Domingos Pellegrini, patrono da edição, participa de uma conversa com adolescentes no primeiro dia de evento.

Nos dias 16 e 17, a Biblioteca Pública do Paraná promove bate-papos com as escritoras Índigo e Priscila Prado,

voltados para o público infantojuvenil, entre 7 e 11 anos. As autoras vão conversar com os pequenos leitores em três horários: às 14h, às 15h e às 15h30.

Outros nomes confirmados na programação são também os do chileno Hérnan Neira, Angélica Freitas, Rafael Sica, Deonísio da Silva, Antonio Geraldo Figueiredo, João Paulo Cueca, Sérgio Rodrigues, Cleo Busatto e Rogério Pereira. Também haverá oficinas de "Biografia", com Josélia Aguiar, e "Jornalismo Cultural", com Alvaro Costa e Silva (o Marechal).

A Semana Literária contará com

## Confira alguns destaques da programação

### Curitiba

Oficina — A linguagem do jornalismo cultural, com Álvaro Costa e Silva (o Marechal)

Dias: **16, 17, 18 e 19 de setembro**

Horário: **9h**

Mesa Redonda — Literatura contra a ditadura, com Bernardo Kucinski e Ivan Angelo

Dia: **16 de setembro**

Horário: **19h30**

### Londrina

Palestra — Uma reflexão sobre a educação, formação do leitor e a desmistificação do politicamente correto, com Ilan Brenman

Dia: **15 de setembro**

Horário: **19h30**

mais de 30 estandes de expositores, como Livraria do Chain, Arte & Letra. As editoras Cosac Naify, Unicamp, Unesp e UFSC também participam.

Segundo a organização da Semana Literária, cerca de 30 mil pessoas passaram pela evento em 2013. Este ano, a estimativa é que o número aumente em 10%.

### No interior

O evento também conta com uma ampla programação voltada outras 20 cidades do interior. Em 18 municípios acontece a mesa-redonda temática "A violência por escrito", debatendo com leitores

a violência e a literatura. Caetano Galindo e Juliana Frank debatem em Guarapuava, Ponta Grossa, União da Vitória e Paranaguá. O mesmo tema será debatido por Miguel Sanches Neto e Marcos Peres em Pato Branco, Palmas e Francisco Beltrão. Já as cidades de Apucarana, Londrina, Jacarezinho, Cornélio Procópio e Santo Antônio da Platina recebem os escritores Carlos Henrique Schroeder e Mário Araújo. Raphael Montes e Simone Campos estarão em Cascavel, Toledo e Marechal Cândido Rondon. A programação completa pode ser acessada no endereço [sescpr.com.br/semanaliteraria](http://sescpr.com.br/semanaliteraria). ■

# CLIQUEES

## EM CURITIBA





Natural de Irati (PR), **Mariana Zarpellon** desenvolve projetos autorais e de fotografia documental desde 2007. Suas fotos foram publicadas em revistas, jornais e portais da internet, do Brasil e do exterior, tais como *The Guardian*, *Rolling Stone*, *Le Monde*, *Libération*, *Billboard*, *Helena* e *VEJA*, entre outros. A série publicada nesta edição do **Cândido** foi montada partindo de arquivos de filmes dos anos 2008 e 2009. ■



# DOMINGO, 9

Encontrei o senhor Fidélio quando saía da garagem, fim da tarde — como está a sua mulher, perguntou. Ele tinha descido ao quintal das traseiras para dar de comer aos pombos que ocupam há cinquenta anos o mesmo espaço. O que começou por uma reunião amiga entre ele e o senhor Artur, pombos e pombos no quintal deste, e passou por provas profissionais e prémios e medalhas, é agora um velho a cuidar dos bichos tão parados. Quando os avós da Susana se separaram e o senhor Artur acabou por partir para parte incerta, a dona Carlota condescendeu a que mantivesse o espaço — mesmo que os pombos tenham perdido a alma nesses dias. Contra todas as expectativas, o agora velho Fidélio manteve a rotina do amor oferecido a cada bicho, criou uns, morreram outros, comprou tantos. E, num acaso da noite, vindo eu do hospital, do barulho dos rádios nas enfermarias junto ao quarto — os homens a acompanharem as esposas para a visita sema-

nal aos doentes mas mais interessados no futebol — da Susana continuamente parada, a cilindro azul e o barulho repetido da sua respiração, vindo eu da vida que me escolheram sem uma pergunta — Francisco, importar-se de ficar viúvo? Dava jeito.

Sem uma possibilidade de aceitação, sequer, vindo eu o velho Fidélio perguntou está melhor.

Ainda nestes dias não tinha chorado, já se contam quatro. A minha mulher vai morrer, assim se desligue a máquina que a respira. O meu filho vai ficar órfão, o meu outro filho sequer vai nascer, o mais certo. E eu sóbrio e inflexível, a não querer entender. Mas a pergunta do senhor Fidélio foi a mais forte dor no coração — a Susana dizia sempre boa noite senhor Fidélio, e as pombas, bem?, sacudindo o resto das migalhas para os pardais no andar de cima. Abracei-o. Fraquejaram-me as pernas. Chorei por quatro dias, Susana — quem vai agora perguntar pelas pombas ao velho Fidélio? ■



Ilustração: **André Caliman**



**Jorge Reis-Sá** nasceu em Vila Nova de Famalicão, Portugal, em 1977. Licenciado em Biologia, fundou em 1999 as Quasi Edições, que editou até 2009. Foi, entre 2010 e 2013, editor na Babel. É consultor editorial. Como escritor, publicou vários livros de poesia, ficção e não-ficção, entre os quais *Instituto de antropologia – todos os poemas* (Glaciar, 2013), o romance *Todos os dias* (2006) e, com Henrique Cymerman, *Francisco, de Roma a Jerusalém* (2014), crônica da viagem do Papa Francisco à Terra Santa. O fragmento que o **Cândido** publica com exclusividade, em primeira mão, faz parte de um romance inédito que o autor deve publicar em 2015. Vive em Lisboa.

## RETRATO DE UM ARTISTA | JOSÉ SARAMAGO

Ilustração: Leo Gibran

José Saramago nasceu em Azinhaga, Portugal, em uma família de camponeses no ano de 1922. O escritor tinha três anos quando um golpe militar instituiu o regime fascista de Antônio Salazar, que governou o país durante os 48 anos seguintes. Saramago teve vários empregos ao longo da vida, mas destacou-se como jornalista dos periódicos *Diário de Notícias* e *Diário de Lisboa*. A partir de 1976 passou a viver exclusivamente do seu trabalho literário, primeiro como tradutor, depois como autor. Seu primeiro romance, *Terra do pecado*, foi publicado em 1947. O reconhecimento internacional, no entanto, só viria com o satírico *Memoorial do convento*, de 1982. As obras de Saramago são alegóricas e fantásticas, flertando com o realismo mágico consagrado por autores sul-americanos. Seu livro *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de 1991, foi recebido com indignação, censurado pelo governo português e excluído do concurso literário da Comunidade Europeia. Em resposta, Saramago e sua segunda esposa, a espanhola Pilar del Río, jornalista e tradutora de suas obras, exilaram-se simbolicamente em Lanzarote, nas ilhas Canárias. Saramago ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1998 e faleceu em 18 de junho de 2010. ■

Leo Gibran é ilustrador freelancer e vive em São Paulo (SP).

